S237 Santos, Samara de Oliveira.
O uso das chamadas nas capas da revista língua portuguesa como estratégia lógico-discursiva para o ensino de PLE / Samara de Oliveira Santos. – Ilhéus, BA: UESC, 2013.
100 f. : Il. ; anexos.

Orientadora: Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz. Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações.
Inclui bibliografia.

1. Língua portuguesa – Estudo e ensino. I. Título.

CDD 469.07

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

SAMARA DE OLIVEIRA SANTOS

O USO DAS CHAMADAS NAS CAPAS DA REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA COMO ESTRATÉGIA LÓGICO-DISCURSIVA PARA O ENSINO DE PLE

ILHÉUS – BAHIA
2013

SAMARA DE OLIVEIRA SANTOS

O USO DAS CHAMADAS NAS CAPAS DA REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA COMO ESTRATÉGIA LÓGICO-DISCURSIVA PARA O ENSINO DE PLE

Dissertação apresentada ao Mestrado em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem

Orientadora: Profa. Dra. Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro

ILHÉUS – BAHIA
2013

SAMARA DE OLIVEIRA SANTOS

O USO DAS CHAMADAS NAS CAPAS DA REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA COMO ESTRATÉGIA LÓGICO-DISCURSIVA PARA O ENSINO DE PLE

Ilhéus, ____/____/_____.

_____

Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro - Profa. Dra.

UESC-BA

(Orientadora)

_____

Nádia Dolores Fernandes Biavati - Profa. Dra.

UESB (BA)

_____

Marlúcia Mendes da Rocha - Profa. Dra.

UESC (BA)

LÍNGUA

“Gosto de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E um profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior
E quem há de negar que esta lhe é superior
E deixa os portugais morrerem à míngua
Minha pátria é minha língua
Fala Mangueira
Fala!
Flor do Lácio Sambódromo
Lusamérica latim em pó
O que quer
o que pode
Esta língua

Vamos atentar para a sintaxe paulista
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas
Cadê? Sejamos imperialistas
Vamos na velô da dicção choo de Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Hollanda nos resgate
E Xeque-mate, explique-nos Luanda
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Sejamos o lobo do lobo do homem
Adoro nomes
Nomes em ã
De coisa como rã e ímã...
Nomes de nomes como Scarlet Moon Chevalier
Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé, Maria da Fé
Arrigo Barnabé

Incrível
É melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível filosofar em alemão
Se você tem uma idéia incrível
É melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível

Filosofar em alemão
Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevedo
E o recôncavo, e o recôncavo, e o recôncavo
Meu medo!

A língua é minha Pátria
eu não tenho Pátria: tenho mátria
Eu quero frátria

Poesia concreta e prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap, chic-left com banana
Será que ele está no Pão de Açúcar
Tá craude brô, você e tu lhe amo
Qué que'u faço, nego?
Bote ligeiro
arigatô,arigatô
Nós canto falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem,que falem".

Caetano Veloso

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por mais uma vitória alcançada com muito sacrifício e muita luta, mas com muito amor. As dificuldades muitas vezes me faziam pensar em desistir, mas nos momentos mais difíceis Deus sempre me impulsionava a seguir em frente e mostrava o quão valiosa é a busca pelo conhecimento.

Agradeço aos meus pais, mas de modo especial à minha mãezinha que vivenciou cada momento de dificuldade ao meu lado, ao meu irmão Deraldinho, a toda minha família por mais uma vez apostar em mim. A vocês dedico esse trabalho.

Agradeço ao meu amigo e namorado Marllon que me faz tão bem e está sempre presente nos melhores momentos da minha vida, além de me transmitir segurança nos momentos difíceis.

Agradeço à amiga Mara e sua família pela amizade e pela oportunidade de trabalho no Instituto de Ensino Teológico, bem como pelo acolhimento em seu lar.

Agradeço a UESC pela aquisição de conhecimento que me foi proporcionada. Aos professores do Mestrado em Letras: Linguagens e Representações por tamanha dedicação, de modo especial ao professor André Mitidieri e à professora Vânia Torga pelo carinho. A CAPES pelo apoio e incentivo financeiro durante os dez meses de bolsa.

Agradeço à professora Maria D'Ajuda por despertar em mim o gosto pelo ensino de Português como Língua Estrangeira, bem como pela sua dedicação enquanto orientadora.

Agradeço aos colegas do mestrado que tiveram praticamente as mesmas emoções e sensações que eu tive, e que compartilharam comigo momentos de alegria e descontração, principalmente nos almoços semanais que tiravam a tensão do dia-a-dia. De modo especial, aos colegas que se tornaram amigos: Givanildo, Marizete, Manuela, Mirélia e Soade.

Agradeço às veteranas do mestrado, Goretti e Scheilla, que me incentivaram e me acudiram na hora do sufoco. À Josy, que mais que uma secretária foi uma amiga, sempre prestativa e disposta a ajudar.

Agradeço aos colegas de trabalho do Colégio Municipal de Almadina, de forma especial à minha professora e colega Joselita Falcão, que com sua paciência e dedicação me transmitia paz e tranquilidade no trabalho.

Agradeço ao professor de inglês Daniel pela ajuda na tradução do resumo para o inglês. À minha grande amiga Lorena que mesmo distante se faz presente na minha caminhada. Ao meu amigo Zul pela amizade e carinho. A todos os amigos que torceram por mim e contribuíram de alguma forma para a conclusão desse trabalho.

O USO DAS CHAMADAS NAS CAPAS DA REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA COMO ESTRATÉGIA LÓGICO-DISCURSIVA PARA O ENSINO DE PLE

RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar estratégias sociointerativas de ensino e aprendizagem de Português como Língua Estrangeira por meio do gênero *chamada* presentes nas capas da revista Língua Portuguesa. Para tanto, a pesquisa se dá por meio de uma investigação acerca do papel das chamadas, enquanto estratégia lógico-discursiva, e como ele contribui para o ensino de PLE. O ensino de PLE ainda é considerado uma área nova no Brasil, por conta disso, materiais e estratégias de ensino voltadas a essa área ainda são escassos ao passo que aumenta a pesquisa em universidades que veem nessa disciplina um campo vasto de ensino e pesquisa. Por conta dessa busca por materiais adequados ao ensino de PLE no Brasil propomos algumas estratégias de ensino por meio do gênero *lead* encontrados nas capas da Revista *Língua Portuguesa*. Para tanto, apresentaremos o quadro atual do ensino de PLE no Brasil bem como a sua evolução e o conceito de gênero. A metodologia implicará em pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo através da aplicação das atividades propostas, seguida da análise dessas atividades. A princípio será feito um levantamento da evolução e do quadro atual do ensino de PLE no Brasil, a abordagem dos conceitos de gênero do discurso e uma análise das capas da Revista Língua Portuguesa, em seguida serão aplicadas atividades com os aprendizes de PLE e logo em seguida, a análise dos resultados.

Palavras-Chave: PLE; Gênero; Chamadas; Revista Língua Portuguesa.

THE USAGE OF CALLS ON THE COVERS OF THE LÍNGUA PORTUGUESA MAGAZINE AS DISCURSIVE LOGICAL STRATEGY FOR TEACHING PLE

ABSTRACT

This research aims to analyze socio-interactive strategies in teaching and learning of Portuguese as a Foreign Language through the genre called present on the covers of the magazine *Língua Portuguesa*. Therefore, the research is done through an investigation of the role of the calls, while logical-discursive strategy, and how it contributes to the education of PLE. The teaching of PLE is still considered a new area in Brazil, because of this, materials and teaching strategies geared to this area are scarce while it increases in research universities in this discipline which SHOWS a vast field of education and research. Because of this search for suitable materials for the teaching of PLE in Brazil, it is suggested some teaching strategies by gender lead found on the covers of the Magazine *Língua Portuguesa*. Therefore, we will present the current situation of education PLE in Brazil as well as their evolution and the concept of gender. The methodology will involve literature research and field research through the application of the proposed activities, followed by analysis of these activities. The first one is a survey of the evolution and current situation of education PLE in Brazil, addressing the gender concepts of discourse and an analysis of magazine covers of Portuguese then being applied to the activities of PLE and apprentices soon then analyzing the results.

Keywords: PLE; Gender; Calls; *Língua Portuguesa* magazine.

LISTA DE SIGLAS

CLPL - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
DLA - Departamento de Letras e Artes
IILP - Instituto Internacional da Língua Portuguesa
L2 – Segunda Língua ou Língua 2
LE - Língua Estrangeira
LM – Língua Materna
MD – Material Didático
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
PE - Português para Estrangeiros
PLE - Português como Língua Estrangeira
PL2E - Português como Segunda Língua para Estrangeiros
PLE/L2 - Português como Língua Estrangeira ou Segunda Língua
PSL - Português como Segunda Língua
SIPLE - Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira
TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação
UESC - Universidade Estadual de Santa Cruz
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
USP - Universidade de São Paulo
UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas
UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro
PUC – RJ - Universidade Católica do Rio de Janeiro
UFMG - Pontifícia Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UNB - Universidade de Brasília
PUC – RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFBA - Universidade Federal da Bahia

SUMÁRIO

RESUMO ..... **VII**
ABSTRACT ..... **VIII**
INTRODUÇÃO **12**

CAPÍTULO 1. O ENSINO DE PLE E OS GÊNEROS DO DISCURSO **19**
1.1 Aquisição de Língua Materna x Aquisição de Língua Estrangeira 20
1.2. O ensino de línguas e sua relação com a educação e a cultura 24
1.3. Primeiros manuais do ensino de PLE no Brasil 34
1.4. A linguística Aplicada e o ensino de línguas 38
1.5. Os gêneros do discurso e o ensino de PLE 45

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA **51**
2.1 Metodologia e métodos de pesquisa 51
2.2 Os corpora da pesquisa 53
2.3 Contextualizando a pesquisa 53

CAPÍTULO 3. CHAMADAS NAS CAPAS DA REVISTA *LÍNGUA PORTUGESA*: UMA NOVA ESTRATÉGIA DE ENSINO **54**
3.1 Procedimentos e análise das capas da revista Língua Portuguesa 56
3.2 Aplicação da proposta com os aprendizes 65
3.2.1 Representações culturais na percepção do aprendiz de PLE 74

CONSIDERAÇÕES FINAIS **80**

REFERÊNCIAS **82**

ANEXOS **87**

INTRODUÇÃO

A Língua Portuguesa é uma das seis línguas mais faladas do mundo[1] com cerca de 250 milhões de falantes distribuídos nos cinco continentes. Oito países tem o português como língua oficial e fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa doravante, CPLP. Com o avanço da Língua Portuguesa na internet e em algumas negociações internacionais, cresce o número de pessoas interessadas em aprendê-la, bem como aperfeiçoá-la. Desse modo, é de suma importância a promoção, a divulgação e o aperfeiçoamento da prática pedagógica voltada ao ensino de Português como Língua Estrangeira, posto que é uma língua que evolui satisfatoriamente no mundo e, de um modo particular, no Brasil. Logo, faz-se necessário relatar aspectos acerca da evolução do ensino de PLE no Brasil para que se possa compreender o seu quadro atual.

A implantação formal do ensino de PLE no Brasil iniciou-se por volta da década de 1990 em algumas universidades, tais como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC - RJ), a Pontifícia Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade de Brasília (UNB), a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC – RS), a Universidade Federal da Bahia (UFBA), entre outras, que se destacam na área de ensino de Português como Língua Estrangeira (PLE).

Nos últimos anos as pesquisas relacionadas ao ensino de PLE têm crescido consideravelmente no Brasil, assim como também tem crescido o número de universidades que formam profissionais e desenvolvem projetos direcionados a essa área de ensino. Apesar disso, o ensino de PLE no Brasil ainda pode ser considerado recente e essa afirmação pode ser constatada pela carência de manuais de trabalho para com professor. Esse crescimento e, ao mesmo tempo, essa carência na área de ensino de PLE nos levam a buscar o aperfeiçoamento da prática pedagógica e a

[1] Dados do Plano de Ação de Brasília para a Promoção, a Difusão e a Projeção da Língua Portuguesa. Disponível em: < http://coloquioflorianopolis.wordpress.com/> Acesso em 20 de março de 2013.

elaboração e adequação dos materiais didáticos desta área.

Atualmente, temos no Brasil muitas universidades que trabalham o ensino de PLE e fazem convênio com universidades estrangeiras, estimulando os intercâmbios para a ampliação do quadro de falantes da língua portuguesa e conhecedores da língua portuguesa e cultura brasileira. Essas universidades divulgaram e continuam divulgando essa área de ensino através de congressos, seminários, além dos cursos de formação para o ensino de PLE e outros eventos que levaram para novas universidades a ideia e, por consequência, a implantação dos cursos de ensino de PLE. Desse modo, em virtude da necessidade de um grupo direcionado aos estudos do Português como Língua Estrangeira, é fundada, na década de 1990, a Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPLE) no III Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada realizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no período de 31 de agosto a 3 de setembro de 1992.

A SIPLE tem como objetivos principais incentivar o ensino e a pesquisa na área de Português como Língua Estrangeira (PLE) e como segunda língua (PL2), promover a divulgação e o intercâmbio da produção científica na área, implementar a troca de informações e contatos profissionais com instituições e outras associações interessadas em PLE e PL2, promover o intercâmbio cooperativo entre cursos de pós-graduação e pesquisa no que se refere à atuação docente e discente e apoiar a criação e a melhoria de cursos de pós-graduação em PLE e PL2, conforme informações do site oficial da SIPLE[2].

Apesar da criação da SIPLE e dos avanços nessa área, no que tange tanto os materiais didáticos quanto a formação, os profissionais ainda encontram muitas dificuldades. Há quem pense que não basta saber falar a língua, para ensiná-la, outras, porém, acreditam que se há um profissional habilitado em Língua Portuguesa (Letras, por exemplo) pode fazê-lo, ou pelo simples fato de falar a língua portuguesa, mesmo sem ter formação pedagógica alguma pode ensiná-la, como é caso de pessoas que encontram no ensino de LP para estrangeiros um meio de vida fora do país e o fazem sem a menor noção do que é o ensino de línguas estrangeiras.

No caso de quem tem formação em Letras, estes só são habilitados para ensinar a Língua Portuguesa para quem já a tem como materna, no entanto, se focar para essa área de PLE pode desenvolver trabalhos importantes, como já vem

[2] www.siple.org.br

acontecendo. Nesse sentido, devemos considerar que as dificuldades na prática pedagógica existem como já apontadas anteriormente, mas também há as possibilidades de interação que o professor pode utilizar nas suas aulas. Antes de qualquer atitude, o professor deve estar ciente de que aluno/aprendiz tem um interesse na língua que pode ser por vontade própria (conhecer uma língua e uma cultura nova) ou obrigatório (quando se tem que aprender porque o trabalho exige).

Sendo assim, o professor tem que saber qual o interesse do aluno para que ele, o professor, possa pensar numa estratégia adequada para ensiná-lo. Pensamos em estratégia no sentido de uma metodologia que seja adequada ao ensino de PLE ou, mesmo que não haja uma metodologia que se encaixe em todas as turmas, o professor pode adaptar ou agrupar alguns métodos que se adequem à turma e aos objetivos pretendidos para e com ela. Uma das maiores inquietações dos profissionais da área de ensino de PLE no Brasil é a falta de materiais disponíveis para se trabalhar. A busca por materiais eficientes no ensino de PLE não é um problema atual. Os primeiros manuais que foram elaborados para o ensino de PLE mostram uma visão diferenciada do ensino de uma língua estrangeira como se tem hoje.

Desse modo, por meio das suas competências argumentativas, sabendo dos interesses e do conhecimento do aluno acerca da língua, o professor poderá pensar em uma ou em várias estratégias que, combinadas, possam auxiliar o seu trabalho. Daí a importância de apresentarmos propostas relacionadas ao ensino de Português para estrangeiros no Brasil que sejam pertinentes a este país, pois língua e cultura são inseparáveis, logo, devemos ensiná-la, com base em aspectos que sejam concernentes à cultura do povo brasileiro.

Por esses motivos, esta pesquisa se faz pertinente, pois busca investigar como as chamadas nas capas da revista *Língua Portuguesa*, enquanto estratégias lógico-discursivas contribuem para o ensino-aprendizagem de PLE; apresentar a evolução e o quadro atual do ensino de PLE no Brasil; discutir a importância dos gêneros do discurso, em especial, das chamadas no ensino de PLE; analisar a estrutura verbo-visual das capas como estratégia lógico-discursiva no ensino de PLE; aplicar estratégias lógico-discursivas no ensino de PLE por meio das chamadas com os aprendizes; e analisar o processo de inferência e dedução lógica por parte dos alunos nas atividades propostas.

É importante ressaltar que a revista *Língua Portuguesa* não é direcionada especificamente para o público de PLE e atividade que propomos com ela nesta pesquisa pode ser aplicado com qualquer outra revista. No entanto, escolhemos a revista *Língua Portuguesa* por entender que ela abrange conteúdos da língua portuguesa que vai desde os aspectos mais formais da língua até expressões que estão presente em várias regiões do país. Desse modo, ela contribui para o propósito desse trabalho a partir do momento que possibilita o contato com as variações da língua portuguesa no Brasil.

Logo, pretende-se analisar o uso e as adequações que são cabíveis ao professor por meio da sua experiência e da sua prática na área de ensino de PLE, bem como perceber como as chamadas nas capas da revista *Língua Portuguesa* contribuem para o desenvolvimento de uma estratégia lógico-discursiva de ensino e aprendizagem de PLE. Área de estudo que ainda é nova no Brasil e necessita de algumas revisões e adequações, principalmente, no que tange os materiais didáticos e as competências argumentativas do profissional.

A princípio, a nossa principal hipótese é a de que as chamadas permitem inferências lógicas acerca do conteúdo interno da revista, possibilitando aos aprendizes refletirem, na língua portuguesa, o contexto de cada reportagem em momentos de conversação na língua alvo. Acreditamos, também, que a seleção imagética feita pelos editores da revista Língua Portuguesa, implicam a elaboração de várias possibilidades de sentido por parte dos aprendizes de PLE, bem como a fonte e a cor das palavras fazem com que os aprendizes percebam e identifiquem a reportagem maior e, talvez, a mais importante da revista, facilitando o ensino e aprendizagem de Português como Língua Estrangeira por meio do processo de inferência e dedução lógica.

Nesse ínterim, antes de apresentarmos nossa proposta, esclarecemos que a área de estudo voltada para o ensino de línguas é a Linguística Aplicada (LA).

Segundo Sobral (2011),

> A chamada Linguística Aplicada (e usamos ‘chamada’ para contestar o atributo *aplicada* como algo a que faltaria teorização) veio a existir precisamente a partir das necessidades do ensino de línguas, que não eram atendidas pelo que chamo de linguística tradicional, os estudos fonológicos, sintáticos e semânticos ditos puros, científicos num sentido por vezes próximo do positivista, que têm uma pretensão de rigor que é válida, mas que não pode, por sua própria

> natureza, abarcar a complexidade do fenômeno humano que é a linguagem (SOBRAL, 2011, p. 27-28).

No tocante ao ensino de línguas, as metodologias utilizadas pelos professores são intimamente ligadas à sua prática e ao conhecimento do público ao qual está direcionando o seu trabalho. Muitos são os trabalhos sobre a investigação de metodologias adequadas ao ensino de línguas, no entanto, não podemos considerar que haja um modelo pronto e/ou acabado para aplicar a qualquer grupo de aprendizes da língua alvo, posto que os métodos adotados devem ser direcionados aos enfoques do grupo que deseja aprender a língua.

Outro ponto a destacar no processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira é a gramática. A gramática não deve ser excluída desse processo, porém, deve ter outra forma de exposição que não aquela empregada no ensino de língua materna, posto que a norma padrão nunca é utilizada por completo em situações de uso real da língua. Isso não significa que o foco do ensino de línguas deva ser unicamente a oralidade e o uso informal da língua. Os cursos de línguas devem propiciar aos aprendizes a possibilidade de manipulação da linguagem, isto é, fazer com que eles saibam utilizar a língua e suas variações de acordo com a situação social à qual se encontram em determinado momento, adequando-a.

Em virtude disso, destacamos algumas concepções de linguagem, posto que ela está presente em toda nossa vida e é por meio dela que interagimos com o mundo e nos tornamos seres sociáveis no meio em que estamos inseridos. No que diz respeito à nossa formação enquanto seres falantes e comunicativos, seguimos as três concepções de linguagem apresentadas por Geraldi (1999) que envolvem questões de ensino e aprendizagem da língua, desde o nascimento e durante toda a vida.

Geraldi (1999) apresenta a primeira concepção de linguagem como a expressão do pensamento: esta concepção ilumina, basicamente, os estudos tradicionais. No entanto, se seguirmos esse conceito de linguagem, estaremos afirmando que os indivíduos que não conseguem se comunicar por meio dela não têm pensamento nenhum para expressar. A segunda concepção é de que a linguagem é um instrumento de comunicação: esta concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem.

Finalmente, a terceira aponta que a linguagem é uma forma de interação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando. Essa última concepção de linguagem é um tanto incompleta, pois limita a linguagem apenas ao ato de fala, ato esse que não dá conta de toda forma de expressão da comunicação humana. A linguagem, de um modo geral, se dá através de outras manifestações da linguagem, como por meio de gestos, de olhares, de sinais entre outros, atos que dão à linguagem toda a sua completude.

A última concepção da linguagem como forma de interação retoma as duas anteriores– de expressão do pensamento e instrumento de comunicação – e é a concepção adotada por nós para tratarmos do ensino de línguas, posto que se dá através do contato do estrangeiro com falantes da língua alvo em situações concretas de uso e nas mais variadas construções da língua.

Em virtude disso, no tocante ao ensino de Português como Língua Estrangeira, o ensino de línguas tem se tornado alvo de diversas discussões tanto no contexto nacional quanto no internacional. Essas discussões tangem, na maioria dos casos, aspectos relacionados aos métodos de ensino que nos levam à área da Linguística Aplicada (LA), a qual surge por conta da incompletude da linguística tradicional que não conseguiu responder às necessidades emergentes do ensino de línguas. A LA é voltada aos estudos fonológicos, sintáticos e semânticos e consegue dar conta do fenômeno da linguagem em situações reais de uso, fator este que nos leva a buscar nessa área as bases epistemológicas para a pesquisa em questão.

Nesse ínterim, o referencial teórico que dá suporte a esta pesquisa advém das teorias da Linguística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras, seguindo os pressupostos de Moita Lopes (1996) que vê o ensino de línguas como uma construção social por meio da interação do aprendiz com a cultura do país de estudo, o quadro atual e a evolução do ensino de PLE no Brasil por meio dos estudos do professor Jose Carlos Paes de Almeida Filho, a visão de cultura de Regina Célia Silveira e as concepções sobre gêneros do discurso estabelecidas por Mikhail Bakhtin.

Nessa perspectiva, a proposta de trabalhar o gênero capa de revista surgiu do interesse em investigar as estratégias utilizadas nas chamadas como recurso de sedução, em observar as técnicas utilizadas para e na construção das capas como

um todo e em trabalhar com os alunos de PLE atividades de leitura e produção escrita através das chamadas encontradas nas capas. Para tanto, o trabalho em questão está dividido em três capítulos, sendo o primeiro o quadro evolutivo do ensino de PLE no Brasil e a sua relação com os gêneros do discurso; o segundo a metodologia e a contextualização da pesquisa; e o último, a análise do corpus e o resultada da aplicação da proposta de intervenção por meio das chamadas nas capas da revista *Língua Portuguesa* como gêneros discursivos e estratégia de ensino de PLE.

CAPÍTULO 1. O ENSINO DE PLE E OS GÊNEROS DO DISCURSO

A *priori,* ao observar a evolução do ensino de PLE, apesar de ter e estar crescendo bastante nos últimos 20 anos deve-se considerar que, além das dificuldades encontradas pelos profissionais da área há, também, que se pensar nas dificuldades dos alunos que são procedentes de culturas bem distintas da cultura brasileira.

Além disso, outro fator que dificulta o trabalho do professor de PLE é que a oferta de materiais didáticos de ensino desta área no Brasil não é tão grande quanto os materiais didáticos de ensino de Português para quem a tem como materna. Por isso, faz-se necessária a inserção de outras atividades que possam auxiliar o professor na sala de aula. No entanto, apesar das dificuldades e independente da sua área de atuação, o professor é dotado de experiências e competências que juntamente com as teorias dão força a sua prática.

De tal sorte, a partir do momento em que o professor faz uso de suas competências e do seu conhecimento acerca dos reais interesses dos alunos, ele será capaz de desenvolver ou escolher o material didático adequado ao seu alunado, de forma que possa escolhê-lo pensando em exercícios que contemplem o modo de vida e a cultura local do país de estudo. Sabe-se que os livros didáticos, seja ele de qualquer disciplina, são cabíveis intervenções. Então, se os materiais escolhidos não contemplam a cultura do povo que fala a língua portuguesa, o professor pode acrescentar outros materiais para buscar a melhor maneira de ensinar a língua estrangeira.

Outro fator importante relativo ao ensino de línguas estrangeiras que não pode ficar de fora dessa discussão são os aspectos socioculturais do povo que a tem como materna, pois não se aprende uma língua unicamente por meio de suas formas gramaticais, mas sim, por sua aplicação em contextos reais de uso. Infelizmente,

essa questão nem sempre é valorizada posto que ainda existem pessoas que acreditam que só se aprende uma língua por meio da sua gramática, gramática essa ensinada fora do contexto de uso real da língua:

> O desenvolvimento da competência sociocultural é bastante importante para que os aprendizes de LE possam praticar atos de fala em situações de comunicação real com correção e adequação ao contexto sociocultural; para que eles possam saber quando devem calar-se, quando podem ou devem falar com quem, onde e de que maneira. O falar bem para os estrangeiros não se restringe à correção gramatical, ao respeito à norma culta. A pronúncia e a entonação também interferem sobremaneira no processo. (PACHECO, 2006, p.137).

Sob o mesmo ponto de vista, acreditamos que a língua assim como tal só se concretiza com o contato direto, em situações imprevistas pelas normas que regem o padrão culto de qualquer língua. É importante ressaltar que língua e cultura são indissociáveis do mesmo modo que educação e cultura.

Entretanto, quando se fala em educação e ensino de línguas, há muitos conceitos divergentes, posto que se trata de concepções subjetivas. Todavia, há entre os diversos conceitos existentes uma posição que muito se parece, a de que a educação não é imposta ou individual, mas algo que acontece de forma natural e depende do meio em que o indivíduo se encontra para ser concretizada.

Nesse sentido, entendemos que educação e cultura, como fatores essenciais para a aquisição de uma língua, é a transmissão de valores que modifica de acordo com as necessidades e anseios de um grupo social, posto que a língua é social. Logo, essa colocação serve tanto para a aquisição de uma língua estrangeira quanto para a aquisição de língua materna.

1.1 Aquisição de Língua Materna x Aquisição de Língua Estrangeira

Como já foi dito anteriormente, não há um modelo pronto de uma metodologia perfeita que contemple todas as necessidades do professor e do aluno, nem na língua materna nem na língua estrangeira. No entanto, há pontos em comum entre essas duas formas de aquisição de uma língua. Alguns dos procedimentos que acontecem no processo de aquisição de língua materna acontecem também na

aquisição de língua estrangeira. A título de ilustração podemos refletir acerca da aquisição de língua materna por uma criança, expondo a história das meninas-loba Amala e Kamala.

A história dessas meninas é real. Em 1920, duas crianças com hábitos selvagens foram encontradas perto de Midnapore na selva de Bengala, pelo reverendo Joseph Singh, um missionário no comando de um orfanato no norte da Índia, vivendo com uma família de lobos. Quando foram encontradas, Amala tinha um ano e meio e Kamala tinha oito anos, possivelmente por falta de adaptação a primeira criança morreu um ano após ser retirada da vida selvagem e a segunda sobreviveu por mais nove anos. As meninas não tinham qualquer comportamento humano e se assemelhavam aos animais que elas conviveram durante as suas vidas. Elas caminhavam de quatro, apoiando-se sobre os joelhos e cotovelos para pequenos trajetos e sobre as mãos e os pés para os trajetos longos e rápidos como qualquer quadrúpede.

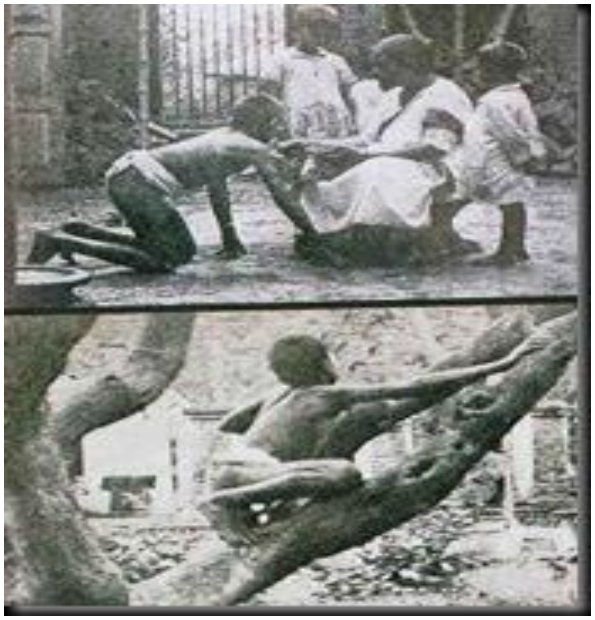


Figura 1 - Imagem das meninas-loba retirada da internet

Por conta desse hábito de andar com animais, as meninas não conseguiam se posicionar em pé como qualquer ser humano. Além de tudo, costumavam ingerir os mesmo alimentos obtidos pelos lobos como carne crua e/ou podre de outros animais, bem como comiam e bebiam do mesmo modo que eles: lançando a cabeça para frente e lambendo os líquidos.

Figura 2 - Imagem representando os hábitos alimentares das meninas-loba retirada da internet

Amala e Kamala, até serem encontradas, não mantinham contato com outros seres humanos, logo não adquiriram a linguagem própria do homem, porém por conviverem com os lobos emitiam sons semelhantes a eles, elas uivavam tal qual os lobos e não esboçavam sentimentos por meio de gestos como o riso ou o choro e ficava o tempo inteiro recolhidas em lugares mais isolados e sombrios.

Após a morte de Amala, único momento que Kamala expressou um sentimento por meio do choro, a instituição indiana tentou aos poucos humanizá-la, porém esse processo foi longo e não surtiu um efeito tão satisfatório. A menina loba mais velha precisou de seis anos para aprender a andar e conseguiu adquirir, ao longo dos nove anos na instituição que a acolheu, um vocabulário com cerca de cinquenta palavras e por conta disso, a comunicação com a garota se dava mais por gestos e palavras simples. Nesse curto período passou a esboçar alguns sentimentos para com as pessoas que a 'educava/humanizava'. O objetivo do missionário Singh, que acolheu as meninas, era o de reabitá-las, pois ele acreditava que os hábitos adquiridos por elas, de alguma forma, bloquearam a livre expressão de suas características humanas, por isso ele afastar as meninas do seu convívio com os lobos e assim permitir que seus hábitos como humanas voltassem a surgir[3].

[3]História disponível em :< http://www.educacional.com.br/articulistas/luca_bd.asp?codtexto=220> Acesso em 02 de março de 2013.

De posse e domínio dessa história destacaremos três pontos: em primeiro lugar, podemos dizer que todos os seres humanos, salvo os que nascem com alguma deficiência, tem o aparelho fonético pronto para ser utilizado, pensando na parte física. Desse modo, todos têm a capacidade biológica de se comunicar. Em segundo lugar, apesar do indivíduo ter o aparelho pronto para se comunicar, ele precisa do meio, da interação social, posto que a linguagem se dá por meio da repetição. Por fim, em terceiro lugar, há além desse processo de repetição algo que podemos classificar como processo de dedução lógica por parte do indivíduo.

Se pensarmos no primeiro ponto, antes estabelecido, do fator biológico, entenderemos que as meninas nasceram com o aparelho pronto, mas se elas têm o aparelho pronto por que não desenvolveram as habilidades linguísticas humanas?

Para responder tal questão, passamos ao segundo ponto estabelecido de que o indivíduo depende do meio para desenvolver o seu aparelho biológico, posto que a linguagem é adquirida por meio da repetição, a pessoa ouve e reproduz o que ouviu. Logo, se as meninas não estavam em um meio onde se utilizava a linguagem convencional dos seres humanos elas não podiam reproduzir. Nesse caso, as meninas Amala e Kamala mesmo tendo o aparelho físico biológico pronto não sabiam utilizá-lo porque eles não foram preparados para tal função, preparados no sentido de condicionamento, mas além disso de interpretação e participação na e para a comunicação entre seres humanos.

Essa afirmação pode ser comprovada se pensarmos nas pessoas surdas, o fato delas não falarem não significa que elas não tenham a capacidade física de praticar tal ato, mas não falam simplesmente porque não ouviram a língua para reproduzi-la.

Poderíamos concluir a resposta ao questionamento apresentado com o que já foi dito, porém há alguns pontos que não ficaram bem esclarecidos se pensarmos em situações comuns nas falas de crianças no processo de aquisição da língua. Nesse ínterim, é comum ouvirmos algumas colocações de crianças na faixa de 2 a 5 anos do tipo “eu fazi”, “ele fazeu” e “está fazido”. Essas expressões parecem engraçadas, mas é praticamente impossível algum falante adulto da língua portuguesa proferir tais construções. Então, por que elas são proferidas? Para responder a esse segundo questionamento, podemos levar em consideração as três concepções de linguagem apresentadas.

Se pensarmos na primeira concepção, fica claro que todas as crianças nascem com o aparelho pronto, mas dependem da interação com a família para desenvolver tal aparelho, a princípio nos parece que a linguagem se dá apenas pelo processo de repetição, porém não é bem assim, como ilustra as construções no enunciado anterior. Há algo que vai além do processo de repetição, a qual colocamos como processo de dedução lógica que leva em consideração o que alguns estudiosos chamam de Gramática Universal, doravante GU, que diz respeito as construções possíveis na língua sem a necessidade de ter que ouvir para reproduzir. No caso das expressões “eu fazi”, “ele fazeu” e “está fazido, provavelmente as crianças não precisaram ouvir para reproduzir mas fizeram uso da GU para construir tais colocações. De forma mais clara, é possível que as crianças tenham feito associação do verbo fazer com outro verbo da mesma conjugação como comer pois, inconscientemente as crianças sabem que fazer e comer são verbos de segunda conjugação. Em seguida, elas devem ter feito a seguinte suposição: se comer é “eu com**i**”, “ele com**eu**” e “está com**ido**”, então fazer também é “eu faz**i**”, “ele faz**eu**” e “está faz**ido**”. Trata-se de associações possíveis na língua portuguesa, o que a criança não tem conhecimento é que há verbos irregulares, no caso de fazer, que não seguem os mesmos padrões de conjugação dos verbos regulares, no caso de comer.

Nesse sentido, fica claro que o processo de aquisição, tanto de língua materna quanto de língua estrangeira, depende das três concepções de linguagem, isto é, a partir de um número finito de palavras se tem um número infinito de construções possíveis. Vale destacar que nem sempre algumas construções são aceitas na língua, mas elas vão se moldando de acordo com o uso contínuo da língua alvo. Logo, a aquisição de uma língua, seja de língua materna ou de língua estrangeira perpassa por outras questões que não só o da repetição, mas também pela relação da língua em foco com a cultura do povo que a tem como materna.

1.2. O ensino de línguas e sua relação com a educação e a cultura

De posse do conhecimento do tópico anterior acerca da aquisição de língua acreditamos que, de um modo ou de outro, ninguém escapa da linguagem e da educação, pois elas estão presentes em todos os lugares, e a educação de um

modo particular tem uma relação intrínseca com a cultura. A cultura é algo muito particular de um povo, então, o que pode ser considerado bonito e admirado em uma sociedade pode ser visto por outra sociedade com repúdio. Desse modo, se a educação e a cultura são elementos inseparáveis, o conceito de educação vai depender do meio social de cada comunidade.

Para ilustrar tal compreensão, Brandão (2007), trata das mudanças de algumas concepções de educação e como esta pode ser conceituada diferentemente a depender da cultura de cada povo. O autor foca muito bem os conceitos divergentes acerca da educação quando aponta duas concepções de educação: a do homem branco – educado – e a do índio – o sem educação.

O autor esclarece que por conta de um tratado de paz feito por Virgínia e Maryland com os Índios das Seis Nações, houve uma proposta por parte dos americanos aos índios de enviar alguns de seus homens para serem educados na sociedade dos brancos. De maneira muito educada, os índios agradeceram, mas recusaram o convite dizendo que a educação da cidade não era válida para a cultura dos índios, pois para eles as necessidades e os costumes dos homens da cidade eram totalmente diferentes das necessidades e costumes dos índios.

Pensando nessa reflexão de Brandão (2007), entende-se que a educação é um processo contínuo de ensino e aprendizagem presente em todas as sociedades com o objetivo de transmitir os modos de ser e agir de um determinado grupo. Logo, uma transmissão de valores.

Sendo assim, se a educação é algo determinado pelo meio e pelas concepções dos modos culturais de ser e agir, não se pode relacioná-lo apenas à escola, pois esta não é um modelo de educação única, pronta e acabada. A educação da escola, muitas vezes, exclui e discrimina os alunos, a partir do momento que deixa de lado o cotidiano do aluno e impõe a este a cultura do outro, de modo a levar o aluno a se sentir inferior as culturas dominantes.

Ainda em conformidade com Brandão, acreditamos que o grande problema da educação escolar é o interesse político de valores que também acontece em outras práticas sociais. Os interesses políticos, muitas vezes, vão além das expectativas dos indivíduos que esperam na educação uma mudança de vida, porém numa direção contrária quando o poder fica centralizado nas mãos de poucos e a maioria fica a mercê desse poder opressor.

Vale ressaltar que o texto aponta, ainda, que a educação do homem existe por toda parte, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes. É o exercício de viver e conviver que educa. Logo, a aquisição de uma língua estrangeira só será satisfatória se levar em consideração esses fatores socioculturais.

A educação pensada nesses padrões é uma habilidade inata no ser humano, porém, há a necessidade de moldá-la ao meio através de práticas interativas que só podem acontecer no coletivo, local onde as habilidades são desenvolvidas.

De um modo geral, a educação reflete os anseios de uma determinada sociedade que distingue o que é ser ou não ser educado. Há nessa concepção um interesse coletivo que ultrapassa o individual de modo que todos, que fazem parte de um determinado grupo social, devem ter a consciência de que o saber transmitido de um para o outro deve servir, de algum modo, a todos.

Desse modo, a reflexão de Paulo Freire de que *"Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo"* pode ser relacionada à ideia de que a educação e a mudança estão associadas, posto que o mundo as pessoas, estão em constantes mudanças. Assim também é a educação que é determinada e imposta pelo homem.

Nessa perspectiva, ao pensarmos em estratégias ou ao adotarmos determinadas metodologias de ensino de línguas, devemos levar em consideração em que contexto a língua portuguesa será apresentada. Vale salientar que a Língua Portuguesa a qual nos referimos é a utilizada no Brasil, posto que há outros países que a tem como língua oficial como, Portugal, Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste ambos fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, doravante CPLP.

Conforme o site oficial[4] da CPLP, esta comunidade surgiu do interesse da promoção e difusão do idioma comum da comunidade e teve o primeiro passo de fundação no primeiro encontro dos Chefes de Estado e de Governo dos países de Língua Portuguesa realizado em São Luís do Maranhão. A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP é o foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua e da cooperação entre os seus membros. Criada

[4] www.cplp.org/id-115.aspx

em 17 de Julho de 1996, a CPLP goza de personalidade jurídica e é dotada de autonomia financeira. A Organização tem como objetivos gerais:

- ✓ O acordo político-diplomático entre seus estados membros, nomeadamente para o reforço da sua presença no cenário internacional;
- ✓ A cooperação em todos os domínios, inclusive os da educação, saúde, ciência e tecnologia, defesa, agricultura, administração pública, comunicações, justiça, segurança pública, cultura, desporto e comunicação social;
- ✓ A materialização de projetos de promoção e difusão da língua portuguesa.

A CPLP é regida pelos seguintes princípios:

- ✓ Igualdade soberana dos Estados membros;
- ✓ Não ingerência nos assuntos internos de cada estado;
- ✓ Respeito pela sua identidade nacional;
- ✓ Reciprocidade de tratamento;
- ✓ Primado da paz, da democracia, do estado de direito, dos direitos humanos e da justiça social;
- ✓ Respeito pela sua integridade territorial;
- ✓ Promoção do desenvolvimento;
- ✓ Promoção da cooperação mutuamente vantajosa.

No ato de criação da CPLP, foram estabelecidas como órgãos da Comunidade as seguintes instâncias:

- ✓ A Conferência de Chefes de Estado e de Governo
- ✓ O Conselho de Ministros
- ✓ O Comitê de Acordo Permanente
- ✓ O Secretariado Executivo

Posteriormente, os Estatutos revistos na IV Conferência de Chefes de Estado e de Governo (Brasília, 2002) estabeleceram como órgãos adicionais da CPLP:

- ✓ As Reuniões Ministeriais Setoriais

- ✓ A Reunião dos Pontos Focais da Cooperação em Luanda, o X Conselho de Ministros em 2005 estabeleceu também como órgão adicional:
- ✓ O Instituto Internacional de Língua Portuguesa - IILP.

A CPLP busca como já mencionado, a promoção da Língua Portuguesa. Nessa perspectiva, nós enquanto participantes desta comunidade devemos difundir essa promoção, entretanto, temos que levar em consideração o cenário de uso da língua, posto que há variações, principalmente no que tange o que podemos chamar de modelos da língua portuguesa, o Português de Portugal/Europeu (PE) e o Português do Brasil (PB). Dentre os países mencionados é de suma importância esclarecer que os outros seis países que tem o português como língua oficial seguem as estruturas do PE.

Contudo, tendo consciência de que o modelo de Língua Portuguesa adotado no Brasil é diferente do de Portugal e dos outros países da CPLP, não se pode esquecer que mesmo no território brasileiro há variações, como em todas as línguas: variação social, variação geográfica, variação por sexo, variação por idade, entre outras, que não impedem a comunicação, mas possibilitam aplicações diferentes na mesma língua.

Em virtude disso, destacamos alguns conceitos de variação linguística apresentados por Bagno (2007). O autor explica o que é realmente a variação linguística na perspectiva sociolinguística, área que tem como objetivo “relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social” (BAGNO, 2007, p. 38). Nesse ínterim, é de suma importância discutir as relações entre língua e sociedade, pois só assim o aprendiz conseguirá de fato aprender a língua estrangeira em estudo dentro de um contexto de uso real.

Bagno (2007) expõe os níveis da língua onde a variação ocorre: variação fonético-fonológica, variação morfológica, variação sintática, variação semântica, variação lexical e variação estilístico-pragmática. Aponta “um conjunto de fatores sociais que podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística” (BAGNO, 2007, p.43) como a origem geográfica dos falantes, o *status* socioeconômico, o grau de escolarização, a idade, o sexo, o mercado de trabalho onde o falante está inserido e as redes sociais que apontam o perfil linguístico do falante.

Bagno (2007), ao fazer uso de uma linguagem mais específica da área de sociolinguística, aponta as modalidades de variação seguidas por adjetivos, a saber: variação diatópica, variação diastrática, variação diamésica, variação diafásica e variação diacrônica. Esses tipos de variações estão relacionados respectivamente a variação geográfica, a variação social, a variação entre língua falada e língua escrita, a variação do modo de falar específico de cada indivíduo e a variação histórica.

De um modo geral, percebe-se nas colocações de Bagno, por meio dos conceitos de variação que ele apresenta, que deve haver um cuidado ao se ensinar a língua, tanto no que tange o ensino de língua materna quanto no ensino de língua estrangeira, pois segundo ele a

> língua, na concepção sociolinguística, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio de sua fala ou da escrita (BAGNO, 2007, p. 36).

Logo, ao apresentar a língua portuguesa como língua estrangeira esse fator deve ser levado em consideração, posto que o aprendiz vai usar uma dessas variações da língua portuguesa no sistema oral, entretanto no que tange o sistema escrito, este deve ser ensinado no padrão culto da língua.

Desse modo, o estudo de uma língua, por mais singela que seja não é fácil. A princípio é preciso se ter em mente que não se aprende uma língua apenas através de sua gramática, de seus métodos de aplicação. Prova disso, é que mesmo antes de conhecer as regras gramaticais qualquer indivíduo consegue comunicar-se no ambiente no qual se encontra inserido. Logo, para se aprender uma língua é necessário o contato com seus falantes e o conhecimento de sua cultura e de seu povo.

> Em uma abordagem de ensino que se quer intercultural, na qual a cultura deixa o seu papel coadjuvante e assume o lugar central dentro das experiências de contato intercultural, ainda há uma questão anterior que nos impele à discussão: a relação língua e cultura ou o espaço ocupado por cada uma delas. Perguntas como ‘qual deve ser o lugar da cultura no ensino de uma LE/L2?’, ‘o que

> vem antes, a língua ou a cultura?', 'a cultura está na língua ou a língua está na cultura?' são cada vez mais comuns entre aqueles que se preocupam com essa questão. Nós nos fazemos sempre essas perguntas e buscamos respondê-las porque dessa compreensão depende o significados de língua que assumimos como parte da orientação da nossa filosofia de ação (MENDES, 2011, p. 142-143).

A autora nos sugere três perguntas na citação anterior. Como resposta a primeira questão, acreditamos que o lugar da cultura é ao lado da língua pois, assim como as duas faces de uma moeda, elas são inseparáveis porque uma língua só aprendida e apreendida de fato se ensinada em um contexto real de uso e isso só pode acontecer por meio das representações socioculturais do povo que tem a língua em estudo como materna. Em relação ao segundo questionamento, comungamos da ideia de Mendes (2011) que não basta ter domínio do sistema linguístico da Língua Portuguesa e de algumas de suas especificidades culturais, pois se a língua e cultura são inseparáveis os aprendizes têm que "aprender a estar socialmente" (p.143) no contexto de falantes nativos da língua em estudo. Quanto a terceira pergunta de identificar se a cultura está na língua ou vice-versa, não há como definir pois, como o exemplo da moeda apresentado anteriormente, são inseparáveis e uma está contida na outra de forma recíproca.

Desse modo, ressaltada essa relação dialógica entre a língua e a cultura, faz-se pertinente a implantação de uma proposta pedagógica que enfoque a importância dessa aliança, que possibilitará tanto ao professor quanto ao aprendiz de PLE, um meio facilitador e inovador na prática educativa. Por se tratar da Língua Portuguesa, uma das dez línguas mais faladas no mundo, que possui cerca de 250 milhões de falantes e está presente nos cinco continentes, como exposto anteriormente, devemos trabalhá-la em um contexto cultural específico. Logo, ao apresentarmos a nossa proposta pedagógica cultural a faremos dentro do contexto sociocultural brasileiro.

As alternativas de ensino e inserção dos aprendizes na cultura brasileira, de forma específica na cultura sul - baiana, são inúmeras, até porque o Brasil é um país multicultural e a Bahia é repleta de manifestações culturais. A partir dessas inúmeras possibilidades de inserção cultural apresentaremos alguns procedimentos metodológicos comunicativos para o ensino de português como Língua Estrangeira.

Esses procedimentos facilitarão o processo de ensino aprendizagem entre professor e aluno, pois segundo Xavier (2011, p.192), “o aprendiz lida com processo de inferência, dedução, raciocínio lógico entre outros para poder resolver a tarefa”, desse modo, propomos a seguir algumas estratégias didáticas que envolvam algumas marcas representativas da cultura baiana, com o intuito de despertar habilidades presentes nos alunos que facilitem sua relação com a língua em estudo.

Essa proposta pretende trazer o aprendiz para um contexto de aprendizagem que o faça sentir parte da nova comunidade linguística, onde ele poderá sentir a língua através de sua expressão mais natural, por meio das músicas regionais, das danças típicas, dos artistas que são referência em termos de divulgação e promoção da língua portuguesa.

Para tanto, sugerimos alguns pontos que podem ser utilizados no processo de ensino aprendizagem que aproximam o aprendiz da cultura local, bem como materializam a realidade do povo que tem o português como língua materna no Brasil e, de modo específico destacamos algumas características culturais da Bahia, estado onde os aprendizes estão estudando.

> As concepções de *comunicação*, *cultura* e *língua* não podem ser consideradas como simples elementos da interação, ou seja, *turns-at-talk*, mas objetivos de uma aprendizagem cultural, que envolve *reflexão*, *consciência crítica*, *aceitação do paradoxo* e da *contradição*, *discussões abertas de relações de poder e conflitos de identidade* e, principalmente, atravessar e entrar em outras disciplinas (e. g. sociologia, filosofia, literatura e estudos culturais). Os estudos consideram que uma *pedagogia intercultural* deve contemplar as diversas representações culturais, interpretações, expectativas, memórias, identificações do momento. Além disso, devem estar presentes como temas em narrativas pessoais e produções de escrita multilíngue, assim como devem ser discutidas abertamente na sala de aula (RODEA, 2008, p. 108).

Desempenho de uma sequência de atos que se materializam na socialização casual, tais como cumprimentar, convidar, despedir-se, desculpar-se, recusar um convite, obter informações;

Apresentação de aspectos folclóricos baianos;

Apresentação de danças típicas da região como axé, o forró, a quadrilha, etc.;

Descrição e comentário de programas televisivos da região;

Receitas de comidas típicas baianas (acarajé, bacalhau com camarão, acarajé com quiabada, moqueca de camarão, etc.) e dos países dos estudantes estrangeiros, desenvolvendo a prática escrita, onde os alunos desenvolverão um texto contendo os materiais e a preparação da receita;

Estudo de letras de músicas brasileiras, de preferência de músicas baianas de cantores como Caetano Veloso, Ivete Sangalo, Gilberto Gil, etc.;

Calibragem de um início de conversa com um superior hierárquico ou um desconhecido na rua, para atuar no registro da fala;	Passeios culturais que revelem a historia da região, como ao centro de Ilhéus, buscando retratar um pouco da história do autor Jorge Amado;	Trabalho com livros de autores da região como Adonias Filho, Cyro de Mattos, Ruy Póvoas, Jorge Araújo, Jorge Medauar, entre tantos outros, para o conhecimento da literatura regional.

Os exemplos citados anteriormente são formas de apresentar a cultura sul baiana aos estrangeiros de maneira divertida e envolvente, fazendo uma verdadeira vivência linguística, para que os aprendizes possam se interar da nossa língua por meio da cultura.

Ao apresentar essas estratégias temos o objetivo de expandir as possibilidades de entreter os alunos nas aulas de PLE, isso não significa que o professor irá utilizar apenas esse material e esquecer o livro didático. Os livros didáticos são fundamentais para a concretização da prática de ensino através da cultura sul - baiana, pois, são eles que vão dar suporte teórico ao professor possibilitando, assim, o desenvolvimento de sua prática pedagógica. Até porque, os livros voltados ao ensino de Português como Língua Estrangeira são diferentes dos livros utilizados por professores que ensinam português para alunos que já a tem como língua materna. Esses livros, voltados ao ensino de PLE, são elaborados por profissionais qualificados que sabem das dificuldades do professor atuante nessa área, claro que o livro não é tudo na sala de aula, pois, o professor tem que estar preparado para as diversas dificuldades e dúvidas de seus alunos e ter um grande

grau de previsibilidade, pois nem sempre os livros didáticos terão todas as respostas ou, simplesmente não terão as respostas esperadas pelos alunos.

Assim como os professores, os alunos também possuem sua própria abordagem de aprender resultante de seus hábitos escolares, da tradição de ensino de sua cultura, de suas expectativas em relação à nova língua e, principalmente, a afinidade com a cultura que a língua estrangeira veicula. Sendo assim, para o início da aprendizagem o professor deve fazer um levantamento básico da língua e cultura dos seus alunos a fim de perceber as características que podem aproximar uma da outra, pois

> O tratamento da cultura nos processos interdependentes de ensinar e adquirir línguas fica, portanto, afeito ao conceito de abordagem, numa de sua tríplice vertente. Os múltiplos pontos de focalização dos aspectos culturais estão todos eles afetos à busca de uma competência comunicativa na língua-alvo. Essa dada competência terá sempre de ser definida para servir com maior nitidez os professores e aprendizes (ALMEIDA FILHO, 2011, p.167).

Desse modo, quando o aprendiz percebe que o professor conhece sua língua e um pouco do seu país ele passa a se interessar no mesmo grau que o professor, porém pela nova língua, nesse caso a Língua Portuguesa. As afinidades culturais que as unem podem propiciar uma troca de informações e um diálogo mais espontâneo e prazeroso fazendo com que a aprendizagem da nova língua se dê de maneira mais satisfatório, tanto para o professor quanto para o aluno.

1.3. Primeiros manuais do ensino de PLE no Brasil

No tocante ao ensino de PLE no Brasil, há muitas universidades que estão envolvidas nessa área de atuação, que trabalham o ensino de PLE e fazem convênio com universidades estrangeiras, estimulando os intercâmbios para a ampliação do quadro de falantes da língua portuguesa e conhecedores da língua portuguesa e cultura brasileira. No entanto, ao analisarmos os primeiros materiais didáticos voltados para o ensino de PLE, perceberemos que ainda há muito a se fazer para um trabalho mais direcionado por parte dos professores para com os aprendizes de PLE, devido a carência de MDs voltados ao ensino de PLE.

Desse modo, a busca por materiais eficientes no ensino de PLE nos remete a um problema que decorre desde os primórdios dessa prática de ensino no Brasil. Os primeiros manuais que foram elaborados para o ensino de PLE mostram uma visão diferenciada do ensino de uma língua estrangeira que se tem atualmente. O primeiro manual de materiais didáticos do ensino de PLE no Brasil, segundo Pacheco (2006, p.72) foi criado em 1954, "fruto do empreendedorismo de professores e de linguistas brasileiros, que, baseados em sua prática e modelos de MD's do exterior, uniram-se para produzir MD's que refletissem a realidade brasileira".

Nesse período, os materiais e métodos eram muito diferentes dos que se têm hoje, pois o ensino de PLE ainda não tinha formulação de ensino de uma língua estrangeira, ou seja, um pouco antes do primeiro livro didático, o ensino de PLE era ensinado da mesma maneira que se ensinava o Português como Língua Materna (PLM). Entre as décadas de 1970 e 1980 o ensino de uma língua estrangeira era baseado na repetição de diálogos que aproximariam os falantes estrangeiros da língua em estudo e

> Na década de 60, tínhamos as fitas cassetes usadas no método audiolingual. Nessa época foram criados laboratórios de línguas com microfones, fones de ouvido, toca-fitas, onde essas fitas auxiliavam/embasavam o trabalho do professor. Havia inclusive laboratórios que dispunham de cabine, da qual os professores 'controlavam' a produção de seus alunos. Registre-se que pouco frequente era a comunicação entre os aprendizes, já que o trabalho primava pela individualidade. Além disso, as atividades eram extremamente repetitivas e não auxiliavam muito no desenvolvimento da capacidade do aluno em produzir textos (PACHECO, 2006, p.270).

Esse foi o primeiro momento do ensino de PLE no Brasil, marcado pelo ensino através da fixação de diálogos prontos que aproximariam os estrangeiros da língua em estudo. Porém, essa metodologia deixava de lado fatores importantes para a aquisição de uma língua como a leitura, que por muitos momentos foi trocada por exercícios de fixação.

A partir da década de 1990 uma nova visão surge acerca do ensino de PLE que passa a ter uma evolução muito grande quanto à sua metodologia. Nesse período, a preocupação maior, trabalhada nos materiais didáticos, era a contextualização dos conteúdos que não foi trabalhada nas décadas anteriores. Nessa época também, a preocupação com as variações linguísticas foram

apresentadas aos falantes e o professor passou a ser visto não mais como modelo único de falante que deveria ser seguido, posto que a concepção de erro como parte constitutiva do processo ensino-aprendizagem permite ao professor ocupar um papel de mediador e interlocutor, papel esse do professor que, praticamente, não existia nas décadas anteriores.

Em relação aos materiais didáticos dos anos 2000, foi constatado que não houve muitas mudanças quanto à metodologia adotada nas décadas anteriores, pelo contrário, houve uma confirmação e aperfeiçoamento dos métodos utilizados anteriormente. Nesse período, a abordagem comunicativa ganhou mais força e a preocupação maior era com a interação aprendiz/língua-alvo.

Essa preocupação quanto à interação do aprendiz é o que nos leva a buscar meios de aperfeiçoar a prática pedagógica com o auxílio dos materiais didáticos, que propiciam um apoio ao professor e o acompanhamento dos assuntos pelo aluno com mais eficácia nas aulas. Desse modo, os materiais didáticos escolhidos pelo professor devem ter conteúdos que abranjam a cultura e o modo de vida de um povo, pois

> ...adquirir uma nova língua não é apenas a aquisição de hábitos linguísticos, ou seja, fonológicos, morfológicos e sintáticos, mas a assimilação de uma nova cultura, de uma nova maneira de pensar, pois só desta forma, poderemos ser capazes de comunicarmos de forma eficiente com culturas diferentes e de compreendermos outras cosmovisões (SILVEIRA, 1988, p.40).

Com base nessa compreensão de aquisição de linguagem, entendemos que a proposta de aprendizagem de uma segunda língua é segundo Almeida Filho (2009) a desestrangeirização, ou seja, propiciar ao aprendiz uma nova visão de mundo, diferente do seu, de modos culturais diferentes. Isso não implica o esquecimento ou desvalorização da cultura do indivíduo, mas sim, um acréscimo cultural em sua vida.

Esse acréscimo possibilita a troca de informações culturais, enriquece e leva o aprendiz a dar mais valor a sua cultura, de maneira que possa vivenciar os costumes e o modo de pensar de outros povos, seguindo outras concepções de ser e aprender. Assim, o que pode ser considerado bonito, fantástico em uma determinada cultura, poderá ter sentido contrário em outra.

Da mesma forma que a cultura é carregada de marcas identitárias, a linguagem também o é, fato esse que a torna única e completa. Logo, ensinar e aprender uma língua não se trata apenas de ensiná-la através de aspectos gramaticais, uma vez que

> A dimensão da linguagem é basilar por servir a todas as outras áreas de estudos do currículo. Ela constrói a experiência de (re) conhecer os fenômenos da natureza, os fenômenos sociais e bastante da experiência com as dimensões, formas, quantificações e cômputos numéricos. Nesse sentido, ela é macrocurricular. É através da ação das representações que articula que ela permite aos escolarizados a grande (re) construção do conhecimento nas áreas curriculares (e eventualmente nas disciplinas), no âmbito da cultura geral, portanto, e no âmbito do autoconhecimento (dando conta de quem se é, do que se deve ou não fazer para a felicidade pessoal e o bem-estar coletivo) (ALMEIDA FILHO, s.d., p. 5[5]).

O autor citado ainda acrescenta a importância da linguagem na comunicação de modo geral, ou seja, é rever o que está a sua volta com outro olhar de acordo com a cultura em que se encontra, levando em consideração, também, que não se aprende uma língua apenas pela sua gramática, mas sim a partir de um contexto real de uso, ao mesmo tempo em que se aprende uma nova cultura.

> [...] não só como conjunto de realizações e contribuições de um povo a civilização, ou seja, sua música, sua literatura, sua arquitetura, tecnologia e filosofia, mas também englobando o entendimento dos antropólogos que se refere a todo conjunto de manifestações da vida de um povo, desde as mais elementares, como a busca de comida e de vestimentas, até chegar às manifestações mais complexas, como as que se referem às instituições sociais, a organização da família. O tipo de governo, os ritos civis e religiosos, ou seja, um conceito de cultura que engloba todos os aspectos da vida do homem (SILVEIRA, 1988, p.40).

Entendemos cultura aqui não só como um conjunto de manifestações culturais, mas também como um modo de vida, ou melhor, uma nova maneira de perceber e avaliar a sociedade.

A partir do momento em que adotamos esse conceito de cultura também devemos adotar a inclusão da cultura nos materiais didáticos para o ensino de língua estrangeira. Sendo assim, a busca por uma metodologia interacional se dará

[5]Disponível em:< http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf> Acesso em: 11 set. 2012.

através dessa concepção de cultura que propiciará ao aprendiz a comunicação social no país de estudo. Ressaltamos que os contextos que servirão como instrumento de aprendizagem devem estar voltados para os reais interesses dos estudantes no Brasil, ou seja, se o aprendiz é um universitário a vivência linguística dele deve ser no meio de jovens da mesma idade que vão a shoppings, cinemas ou clubes mas, se for um empresário, por exemplo, o contexto deve estar voltado à área empresarial.

Assumindo essa postura de que ensinar e aprender uma língua não parte apenas da perspectiva de conseguir decifrar códigos linguísticos, o professor que se propõe a ensinar o Português como Língua Estrangeira tem que se preparar para tal. Há de se pensar nos artifícios que serão utilizados, já que se trata de falantes de outras línguas e que vêm de culturas diferentes da nossa. O profissional de PLE deve ser preparado para apresentar não só uma língua, mas também a cultura do povo que a fala, pois se trata de um estrangeiro buscando algo novo.

Nesse sentido, estudaremos a língua – em particular a Língua Portuguesa - em contextos de usos reais, defendidos pela Linguística Aplicada.

1.4. A linguística Aplicada e o ensino de línguas

Aprender uma língua estrangeira exige além da aquisição das normas da língua-alvo de um processo de imersão no contexto sociocultural das pessoas que a tem como materna. Há, nesse processo, a busca por um espaço de integração entre o aprendiz e a língua em um contexto concreto de imersão.

Desse modo, relacionaremos o conceito de Linguística Aplicada, doravante LA, apresentado anteriormente à prática voltada ao ensino de Português como Língua Estrangeira que não é tão atual como parece, alguns estudos demonstram que o ensino de língua portuguesa como segunda língua tem uma história de quase cinco séculos, desde quando os jesuítas portugueses ensinavam os índios que habitavam as terras brasileiras.

> Se quisermos saber sobre a linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito: ler sociologia, geografia, história, antropologia, psicologia cultural e social etc. A chamada ‘virada discursiva’ tem possibilitado a pesquisadores de vários campos estudar a linguagem com

> intravisões muito reveladoras para nós. Parece essencial que a LA se aproxime de áreas que focalizem o social, o político e a história (MOITA LOPES, 2006, p. 96).

Aqui o autor enfatiza a importância de trabalhar a nova língua em um contexto real de uso que focaliza, além de tudo, a aprendizagem da língua estrangeira de forma natural e espontânea. Para tanto, o professor deve estar preparado para trabalhar não só assuntos pertinentes à parte gramatical da língua-alvo, mas também assuntos concernentes à estrutura daquela sociedade como um todo, no que tange aspectos econômicos, culturais, geográficos, psicológicos entre outros, que formam o indivíduo de cada sociedade de um modo particular.

Seguindo a concepção de Moita Lopes (2006), a LA deve ser uma área interdisciplinar, área essa que vai dar conta de assuntos diretamente ligados a participação do aprendiz na sociedade na qual ele busca uma nova identidade, posto que ele vai se colocar diante de representações identitárias diferentes das quais ele havia se firmada enquanto cidadão. Logo, a LA tenta romper as barreiras existentes entre a teoria e a prática no tocante ao ensino de PLE no Brasil.

> O Brasil é hoje uma sociedade complexa que envolve as modalidades de rua e muitos outros ‘lugares’, e cremos que se precisa dar acesso a esses outros lugares linguísticos, e da maneira mais universal possível. Conhecer a(s) variedade(s) de prestígio, sem discriminar as outras, pode ser um fator de melhoria social. Respeitar as variedades ‘de rua’ é positivo, mas também o é tentar facilitar, ao máximo possível de pessoas, o acesso a variedades mais prestigiosas, porque isso melhora a condição do país como um todo, uma vez que contribui para a formação e consolidação de uma identidade nacional e da cidadania (SOBRAL, 2011, p. 24).

A colocação de Barcelos nos leva à LA no contexto de ensino de PLE no Brasil, pois aponta para a importância de se trabalhar as variações da língua com os aprendizes. A língua portuguesa utilizada no Brasil, assim como outras línguas, tem variações e entre essas variações há aquelas que têm mais prestígio que outras, consideradas marginalizadas por grande parte da sociedade. O que destacamos aqui é a importância de se trabalhar essas variações que fogem um pouco ao padrão formal da língua com o intuito de mostrar para os aprendizes como a língua pode se manifestar em contextos distintos de comunicação.

Com base em tal colocação, destacamos um fato ocorrido durante uma aula de PLE para os alunos que faziam intercâmbio na UESC no segundo semestre de 2012. Na aula participavam três aprendizes: dois mexicanos que faziam intercâmbio no curso de Economia da UESC e um norte americano que fazia intercâmbio como professor de inglês. Os interesses dos aprendizes eram diferentes, pois os mexicanos estavam mais interessados no português voltado para a comunicação acadêmica e profissional, ou seja, no padrão culto da língua portuguesa, já o norte americano tinha interesse em aprender a variação do português mais coloquial. Entre algumas inquietações acerca de vocabulário uma nos chamou a atenção. Certa vez, o aprendiz chegou à aula e perguntou o que significava a palavra 'brega', pois ele a ouviu em certo contexto mas não compreendeu o que significava. A princípio nos pareceu engraçado tal situação por conta das significações da palavra, mas tentamos explicar que havia varias interpretações para esta palavra, a saber: a primeira explicação foi a de que brega era um estilo musical que sofre muito preconceito por ser considerado um estilo musical de mau gosto cafona; a segunda explicação foi a de que brega seria um estilo de se vestir onde uma peça não combina com a outra e acaba por deixar a pessoa estranha, cafona, feia; e a última explicação dada foi a de que em algumas regiões como o nordeste o termo 'brega' faz menção a um casa de prostituição.

Esse exemplo chama a atenção pelo fato de expor uma situação real da língua, fato esse explicado pela Linguística Aplicada, onde a explicação isolada da palavra não tem sentido. Esse exemplo nos direciona a um texto muito interessante que trata de peculiaridades da língua portuguesa, que de fato aconteceu com um estrangeiro ao tentar se comunicar na recepção de um congresso na cidade de Fortaleza em língua portuguesa. O título apresentado no blog *Recanto das Letras* [6] é *Trocando seis por meia dúzia*. Observe:

- Por favor, gostaria de fazer minha inscrição para o Congresso.

- Pelo seu sotaque vejo que o senhor não é brasileiro. O senhor é de onde?

- Sou de Maputo, Moçambique.

- Da África, né?

- Sim, sim, da África.

[6] http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/4001596

- Aqui está cheio de africanos, vindo de toda parte do mundo. O mundo está cheio de africanos.

- É verdade. Mas se pensar bem, veremos que todos somos africanos, pois a África é o berço antropológico da humanidade…

- Pronto, tem uma palestra agora na sala meia oito.

- Desculpe, qual sala?

- Meia oito.

- Podes escrever?

- Não sabe o que é meia oito? Sessenta e oito, assim, veja: 68.

- Ah, entendi, meia é seis.

- Isso mesmo, meia é seis.

- Senhor, só mais uma informação. A organização do Congresso está cobrando uma pequena taxa para quem quiser ficar com o material: DVD, apostilas, etc. Gostaria de encomendar?

- Quanto tenho que pagar?

- Dez reais. Mas estrangeiros e estudantes pagam meia.

- Hmmm! Que bom. Aí está: seis reais.

- Não, o senhor paga meia. Só cinco, entende?

- Pago meia? Só cinco? Meia é cinco?

- Isso, meia é cinco.

- Tá bom, meia é cinco.

- Cuidado para não se atrasar, a palestra começa às nove e meia.

- Então já começou há quinze minutos, são nove e vinte.

- Não, ainda faltam dez minutos. Como falei, só começa às nove e meia.

- Pensei que fosse às 9h05, meia não é cinco? Você pode escrever aqui a hora que começa?

- Nove e meia, assim, veja: 9h30.

- Ah, entendi, meia é trinta.

- Isso, mesmo, nove e trinta.

- Mais uma coisa, senhor. Tenho aqui um folder de um hotel que está fazendo um preço especial para os congressistas, o senhor já está hospedado?

- Sim, já estou na casa de um amigo.

- Em que bairro?

- No Trinta Bocas.

- Trinta bocas? Não existe esse bairro em Fortaleza, não seria no ***Seis Bocas****?*

- Isso mesmo, no bairro Meia Boca.

- Não é ***meia boca****, é um bairro nobre.*

- Então deve ser cinco bocas.

- Não, Seis Bocas, entende, Seis Bocas. Chamam assim porque há um encontro de seis ruas, por isso seis bocas. Entendeu?

- E há quem possa entender?

Esse é um texto que aponta algumas expressões próprias do português do Brasil. Esse fato deve ser levado em consideração, pois por mais que a língua portuguesa esteja entre as dez línguas mais faladas do mundo e esteja presente nos cinco continentes, não significa que ela é falada da mesma forma em todos os lugares. Como já foi esclarecido anteriormente, a língua está ligada diretamente a cultura do povo que a tem como materna, logo cada país terá suas peculiaridades, e isso não acontece apenas de um país para outro como no texto acima, fatos como esse acontecem dentro do próprio território nacional. É comum percebermos em nosso país algumas expressões ligadas diretamente a regiões específicas, isso se deve as diversas influências linguísticas que cada região recebeu.

Para esclarecer esse fato podemos comparar algumas expressões do Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE) utilizado em Portugal. O português utilizado no Brasil é oriundo do português de Portugal que, por sua vez, é oriundo do Latim vulgar. Quando os portugueses chegaram ao Brasil em 1500 encontraram os índios que falavam o tupi guarani. A princípio o contato foi um tanto conturbado como podemos perceber nesse trecho d'A carta de Pero Vaz de Caminha,

> Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar (CASTRO, 2009, s.p.).

Conforme a citação acima, não houve comunicação entre os portugueses e os índios por conta do barulho do mar, porém a história não é de fato assim, não houve comunicação porque os portugueses e os índios não se entendiam, pois falavam línguas distintas. Após certo período de contato entre os povos passou a existir a denominada língua geral, língua essa formada pelas mistura do português com o tupi guarani com a predominância do português. Além dessa primeira mistura, outros povos oriundos de línguas diferentes como o francês, o espanhol, o árabe, entre outros foram chegando à nossa terra e foram contribuindo para o enriquecimento da língua portuguesa no Brasil e, ao mesmo tempo contribuíram para o distanciamento entre o português utilizado pelos brasileiros e o português utilizado pelos portugueses.

Obviamente, o português do Brasil sofreu ao longo de mais de 500 anos outras influencias linguísticas que o torna ímpar, entre elas, podemos destacar os estrangeirismos da língua inglesa que a todo o momento surgem para implementá-la. Enfim, as influências linguísticas que as línguas recebem ao longo de sua formação influenciam nesse processo de evolução e, no caso do português do Brasil e o português de Portugal, podem dificultar e prejudicar a comunicação. Podemos observar algumas dessas diferenças no quadro a seguir. Vale ressaltar que as expressões do português de Portugal retiradas da internet não fazem parte da norma culta, mas sim de expressões coloquiais, de gírias utilizadas por parte da população.

Sexo seguro? Use DUREX...[7]	
Aqui na terra...	**E lá na terrinha...**
Camisinha	**Durex**
Durex	**Fita-cola**
Cafezinho	**Bica**
Fila	**Bicha**
Homossexual	**Paneleiro**
Sapatão	**Fufa**
Pãozinho francês	**Cacete**

[7]Disponível em :< http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1164605-5513-3,00.html> Acesso em: 05 de março de 2013.

Um grupo de crianças	**Canalhas**
Um adolescente	**Um puto**
Peruca	**Capachinho**
Caldinha feminina	**Cueca**
Ficar menstruada	**Estar com histórias**
Absorvente feminino	**Penso higiênico**
Professor particular	**Explicador**
Comissária de bordo	**Hospedeira**
Garis	**Almeidas**
Salva-vidas de praia	**Banheiro**
Sanitário	**Salva-vidas**
Cego	**Invisual**
Chiclete	**Pastilha elástica**
Injeção	**Pica**
Embebedar-se	**Enfrascar-se**
Impostos	**Propinas**
Mulherengo	**Marialva**
Tesão	**Ponta**
Alô?	**Está lá?**

O quadro anterior aponta para algumas peculiaridades entre o PB e PE, devido às influências de cada variedade da Língua Portuguesa. Vale destacar que essas diferenças são mais comuns na variedade informal da Língua Portuguesa, pois no padrão culto poucas são as diferenças existentes entre uma variação e outra. De um modo geral, essas questões variacionais da língua perpassam pelo aspecto sociocultural da língua, apontado por Moita Lopes quando se refere à interdisciplinaridade da Linguística Aplicada.

Apesar do esforço em trabalhar com estratégias que envolvam os aspectos sociais, políticos e históricos como sugere Moita Lopes em colocações anteriores, ainda há muito a se fazer em relação à carência de materiais voltados ao ensino de PLE.

Por conta dessa carência de materiais voltados ao ensino de PLE, propomos algumas estratégias de ensino, a fim de facilitar a prática docente no campo de

ensino de PLE. Para tanto, utilizaremos alguns teóricos brasileiros envolvidos com a pesquisa no campo dos gêneros textuais e algumas reflexões acerca do uso e da adequação da linguagem, enquanto ato comunicativo. Para início de conversa, selecionamos Marcuschi (2008), Dionísio (2011), Motta-Roth (2011) e Meurer (2011) para falarmos um pouco acerca dos gêneros do discurso.

1.5. Os gêneros do discurso e o ensino de PLE

Toda e qualquer abordagem de uso da língua só acontece por meio de textos, tanto orais quanto escritos de posse da linguagem verbal e/ou não verbal. Podemos considerar textos que utilizam a linguagem verbal uma carta, uma receita, um jornal, entre outros, e como textos não verbais podemos apontar uma pintura, um propaganda (no caso da propaganda geralmente há a presença da linguagem verbal e não verbal), entre outros que não fazem uso da palavra.

A diferença entre essas duas formas de linguagem é que, na verbal, encontramos uma sequência nas informações dadas por meio das palavras. Já na linguagem não verbal, as informações não seguem um padrão de linearidade uma pintura, por exemplo, não nos dá pistas de como seguir um raciocínio interpretativo, pois as informações nela contida são simultâneas ao indivíduo. Em virtude disso,

> É impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero, assim como é impossível não se comunicar verbalmente por algum texto. Isso porque toda manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero textual (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

A fala de Marcuschi sintetiza o que já foi dito anteriormente em relação a língua como ato social, histórico e cultural que também tem grande ligação com os atos de fala: locutório, ilocutório e perlocutório. O primeiro está relacionado ao processo físico da produção dos fonemas; o segundo, ao poder proferido por meio das palavras como um pedido ou uma ordem e o último ao efeito que pode ser realizado por meio das palavras de modo indireto quando, por exemplo, alguém diz que está com as pernas doendo e muito cansado em um ambiente que não tem mais lugares para sentar, e pronuncia essas palavras olhando para alguém como se estivesse pedindo o lugar para se sentar. Em relação aos três atos de fala, podemos

ilustrá-los se pensarmos na seguinte colocação.

“Oi, passei aqui hoje pela manhã e estarei na próxima segunda no meu local de encontro preferido”.

A princípio é um texto claro se não fosse por fatores que impedem a identificação dos sujeitos, – tanto do destinatário quanto do emissor – da data e do local onde o bilhete foi deixado. Como ato locutório, classifica-se o bilhete em seu aspecto físico; enquanto ilocutório, o valor de um texto que pretende informar alguém acerca de um encontro e, por fim, o perlocutório quanto ao objetivo pretendido para com o destinatário. Nesse caso, se o destinatário não conseguiu identificar os fatores mencionados anteriormente, o perlocutório não acontece. Nesse ponto, mais uma vez o contexto é apresentado como fator essencial na construção e interpretação de qualquer tipo de texto, pois se o destinatário não sabe em que contexto – sujeito, data e local – o texto foi elaborado, sua compreensão é praticamente impossível.

Do mesmo modo, acontece no ensino de língua estrangeira, em que se deve ensinar que palavra que têm a mesma grafia e a mesma pronúncia dependem do contexto para terem tal sentido. A palavras “manga” pode e tem vários sentidos para os falantes nativos da língua portuguesa, logo, não se pode ensinar apenas um único modo de aplicação, pois a depender da situação comunicativa ela pode ter o sentido de manga – fruta, manga – de blusa, manga – pasto e manga – de mangar- zombar. Essas definições só tem sentido se empregadas em um contexto significativo.

Sendo assim, não se pode ensinar uma língua estrangeira em contextos isolados que impossibilitam a sua interpretação como um todo, pois segundo Marcuschi (2008, p. 159) “os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas em que predominam os aspectos relativos a funções, propósitos, ações e conteúdos”, posto que os textos só se materializam dentro de algum gênero textual.

Repensando as questões textuais no que tangem o ensino de língua estrangeira, é de suma importância que os aprendizes tenham contato com os mais variados gêneros textuais, a fim de identificar qual o tipo de texto apropriado para cada momento do ato enunciativo. Desse modo, outro fator que influencia na eficácia de boas produções textuais, no sentido mais amplo da palavra, é o contexto, pois um texto só tem sentido se estiver adequadamente enquadrado em um contexto

específico. Em vista disso, um texto não é concebido apenas por um amontoado de palavras e frases soltas, mas pela organização das mesmas em um contexto significativo.Tal fenômeno linguístico – o texto – pode ser comparado a uma blusa de lã. A blusa só é blusa se os fios estiverem organizados de tal modo a dar forma à roupa. Caso se desmanche a roupa e mantenha a mesma quantidade de linha, não se tem mais uma blusa, mas sim um amontoado de linhas sem nenhuma função específica. Assim também é a organização do texto, como a própria origem latina explica: a palavra texto vem do latim *textum* que significa tecido.

Em conformidade com a definição de texto, os gêneros textuais estão presentes nele em todos os momentos. Vale destacar que ultimamente tem se falado muito acerca dos gêneros textuais, e muitos estudiosos chegam a classificar como modismo essa busca constante pelo trabalho que envolva os gêneros textuais, mas como já mencionamos, não há como produzir textos sem enquadrá-los em gêneros. Por outro lado, há estudos comprovados que apontam para o trabalho com os gêneros textuais que datam de pelo menos 25 séculos.

> O estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática iniciou-se em Platão. O que hoje se tem é uma nova visão do mesmo tema. Seria gritante ingenuidade histórica imaginar que foi nos últimos decênios do século XX que se descobriu e iniciou o estudo dos gêneros textuais. Portanto uma dificuldade natural no tratamento desse tema acha-se na abundância e diversidade das fontes e perspectivas de análise (MARCUSCHI, 2008, p. 147).

Embora o estudo dos gêneros textuais seja datado de épocas bem anteriores à nossa, devemos considerar que há um número infinito para eles e, a cada momento, surgem novos gêneros. Desse modo, o que acontece é a criação de novos gêneros que acompanham a evolução da linguagem e as exigências da sociedade.

Em decorrência de tal evolução nos gêneros textuais, optamos por trabalhar um gênero que consideramos pertinente ao processo de aquisição de uma segunda língua, posto que leva o aprendiz a refletir acerca do que é exposto na língua alvo. Escolhemos como gênero jornalístico o *lead*, pois:

> O estudo dos gêneros jornalísticos (bem como dos demais gêneros que compõem o conjunto mais amplo das manifestações da

> comunicação de massa) apresenta uma grande relevância social. As pesquisas desse tipo trazem subsídios não só para a formação e a atuação profissional (de jornalistas e professores de línguas, por exemplo) como também para a educação e a formação do cidadão crítico e habilidoso no manejo de tais manifestações, já que toda a sociedade é afetada por elas (BONINI, 2011, p. 53).

A linguagem jornalística é repleta de gêneros que contribuem para a formação de cidadãos críticos e conscientes, como diz o autor na última citação, mas entre tantos gêneros elegemos o *lead* para tal aplicação.

A chamada é a linha ou parágrafo introdutório (a) que apresenta os principais tópicos da matéria jornalística a ser desenvolvida no texto jornalístico. A linha caracteriza-se por poder resumir o assunto, destacar o fato principal ou criar ambientes para despertar a curiosidade do leitor sobre a matéria jornalística. Nesse sentido, a chamada deve responder as seguintes questões: Quem? O quê? Quando? Como? Onde? Por quê?

Além disso, a chamada é o início da reportagem, o primeiro parágrafo da matéria, seguido do corpo que contém informações ligadas ao conteúdo completo de cada reportagem, pormenores interessantes e detalhes dispensáveis. A chamada segue na estrutura do texto uma ordem lógica, sempre respondendo às questões fundamentais do jornalismo mencionadas no parágrafo anterior.

Assim, para escrever um texto em formato de reportagem, vamos sempre priorizar responder às questões fundamentais no inicio do texto e posteriormente, nos demais parágrafos, procuraremos detalhar e aprofundar as questões já respondidas.

As chamadas podem ser pensadas como uma possibilidade didática no processo ensino e aprendizagem de PLE, a fim de propiciar estratégias de ensino que busquem desenvolver as quatro habilidades do aluno: ouvir, falar, ler e escrever. Escolhemos esse gênero com o intuito de elaborar uma estratégia eficaz para o ensino de PLE, uma vez que ele vai ampliar as interações humanas no que tange às diversas possibilidades de letramento, pois segundo Dionísio:

> Afirmar que estamos vivendo na era da tecnologia e que as formas de interação são influenciadas pelos avanços tecnológicos é afirmar o óbvio. Porém, em consequência dessa constatação óbvia, está a necessidade da revisão, e ampliação, de alguns conceitos basilares no campo dos estudos das interações humanas e no âmbito dos estudos do processamento textual. Se as formas de interação entre

> os homens mudam de acordo com as necessidades de cada sociedade, e se as formas de interação entre as pessoas são influenciadas pelo desenvolvimento tecnológico, o primeiro conceito que merece ser revisto é o conhecimento de *letramento* (DIONÍSIO, 2011, p. 137).

De fato, o ensino de uma língua se realiza por meio de atos comunicativos que abarcam as quatro habilidades mencionadas anteriormente e estão empiricamente repletos de gêneros discursivos, que se manifestam em toda ordem no uso da linguagem. Estes se apresentam em contextos reais de uso nos mais diversos ambientes, porém não podemos esquecer que os gêneros devem seguir as tendências atuais e também não podem ficar presos apenas a textos escritos, logo devemos explorar as diversas possibilidades de linguagem. Por isso, escolhemos trabalhar com as chamadas presentes nas capas da revista *Língua Portuguesa,* porque podemos explorar tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não verbal de modo a executar os enunciados nos variados níveis da linguagem.

Segundo Bakhtin (1997), “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados orais e/ou escritos”, posto que todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua.

A partir do conceito abordado de gênero, trabalharemos no trabalho em questão uma proposta didática para o ensino de Português como Língua Estrangeira (doravante PLE) com os *leads* nas capas da Revista Língua Portuguesa referente ao ano de 2011.

A revista Língua Portuguesa, segundo texto do site oficial da Editora Segmento, é uma publicação mensal que busca identificar e colocar em discussão os aspectos mais relevantes da língua e da fala brasileira. A publicação é pioneira, constituindo um valioso instrumento de atualização de conhecimentos e de qualificação pedagógica para os profissionais do setor educacional. Seu objetivo é apresentar a diversidade do idioma em suas várias aplicações no cotidiano e permitir a consciência das pessoas sobre como usar o português, fazendo correções e respeitando as variantes. Seguindo os objetivos da revista, acreditamos que eles podem ser alcançados no desenvolvimento do ensino aprendizagem de PLE posto que enaltecem o uso da Língua Portuguesa tanto no aspecto gramatical quanto no aspecto sócio-comunicativo.

Pensando em propor estratégias de ensino voltadas ao ensino de PLE, utilizaremos os conceitos de gêneros do discurso para desenvolvê-las, posto que todo ato dialógico, tanto no ensino de língua materna quanto no ensino de língua estrangeira, se dá por meio do uso da linguagem de maneira interacional. Dessa forma, fica claro que nós nos comunicamos, falamos e escrevemos por meio de gêneros discursivos, gêneros esses que sofrem constantes atualizações e transformações ao longo do tempo e só se concretizam na relação do eu com o outro.

> O conceito de gênero diz respeito ao modo de organização da experiência com a linguagem, ou seja, o modo de organização das ações que os interlocutores produzem na interação que os mobiliza. (...). O conceito de gênero diz respeito, enfim, ao modo de organização do todo, isto é, ao modo de organização das relações dialógicas que são as relações de linguagem do *eu* com *o outro* (CAMPOS, s.d., p. 99).

Não há atividade de interação humana sem o uso dos gêneros discursivos, pois estes são a unidade real da comunicação verbal e não verbal nas diversas esferas da atividade humana.

CAPÍTULO 2. METODOLOGIA E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Esse capítulo objetiva expor a metodologia que norteia esse estudo, bem como apresentar algumas estratégias de ensino de PLE no Brasil por meio das chamadas nas capas da revista *Língua Portuguesa*, enquanto gênero textual. A princípio se fará a apresentação dos *corpora* da investigação. Na sequência, será apresentada a fundamentação teórica destacando o ensino de PLE no Brasil por meio dos gêneros textuais. Desse modo, exibiremos os caminhos percorridos para a realização desse trabalho científico.

2.1 Metodologia e métodos de pesquisa

Na presente pesquisa, a metodologia utilizada se apoia na pesquisa bibliográfica, de revisão e na pesquisa empírica. Na pesquisa bibliográfica se busca responder ao problema proposto, a partir de referências teóricas publicadas. Enquanto que na empírica se produz e se analisa os dados obtidos, essa pesquisa é pertinente pois transmite ao leitor mais credibilidade aos argumentos ali expostos, posto que tem ao lado da teoria, a prática analisada e comprovada por meio dos dados. Na pesquisa de revisão se visa a análise da produção científica de forma particular. “A pesquisa de revisão envolve análise, avaliação e integração da literatura publicada, e também frequentemente conduz para conclusões importantes a respeito de pesquisas realizadas até o momento” (KERLINGER 1980, p. 33).

A princípio foi realizada a fundamentação teórica, obtida ao longo dos estudos direcionados a temática apresentada nesse trabalho, que abrange a área de Ensino de PLE no Brasil, ensino de línguas, bem como a eficácia da inclusão dos gêneros

textuais no ensino de Português como Língua Estrangeira. De posse da temática definida teve início a seleção dos textos que serviram como base teórica, seguido de resumos e fichamentos que facilitaram a compreensão dos textos como um todo acerca da importância de se trabalhar as chamadas nas capas da revista *Língua Portuguesa* como um gênero textual facilitador do ensino de PLE na Universidade Estadual de Santa Cruz.

De posse de tal base epistemológica, teve início a elaboração das atividades que serviram como *corpora* da pesquisa, bem como a análise crítica do que se pesquisou, favorecendo a disposição teórica e um levantamento analítico do tema proposto por esta pesquisa. Para isso, a análise de um referencial teórico amplo, foi necessária para a sustentação dos resultados obtidos.

A partir da seleção dos textos, buscou-se analisar o uso e as adequações que são cabíveis ao professor por meio da sua experiência e da sua prática na área de ensino de PLE, bem como perceber como as chamadas nas capas da revista *Língua Portuguesa* contribuem para o desenvolvimento de uma estratégia lógico-discursiva de ensino e aprendizagem de PLE. Área de estudo que ainda é nova no Brasil e necessita de algumas revisões e adequações, principalmente, no que tange os materiais didáticos e as competências argumentativas do profissional.

A pesquisa bibliográfica se condensa na análise de materiais já constituídos, fundamentados pelo método comunicativo a qual o objetivo geral é o de os aprendizes aprendem se comunicando na língua alvo, método esse que foca na capacidade do aluno em transmitir as suas ideias na língua alvo, nesse caso através das atividades propostas

Assim como em toda pesquisa, é preciso apresentar os caminhos que se pretende seguir, a fim de chegar ao resultado desejado, bem como reconhecer os sujeitos partícipes no próprio segmento contextual. São passos gradativos, cujo desenvolvimento dar-se-á de forma empírica e contínua. De tal modo, este método se apresenta adequado para o tipo de pesquisa realizada, pois se fundamenta no estudo bibliográfico e de cunho experimental a fim de se trabalhar estratégias lógico-discursivas para o ensino de PLE no Brasil por meio das chamadas enquanto gênero textual.

2.2 Os corpora da pesquisa

Os *corpora* desta pesquisa são as atividades que elaboramos para aplicar com os alunos que fizeram intercâmbio na Uesc no segundo semestre de 2012, a fim de identificar a sua eficácia no ensino aprendizagem de PLE no Brasil. A pesquisa em foco não priva pela quantidade, mas sim pela qualidade da estratégia aplicada na proposta pedagógica de intervenção no ensino de PLE. Para tanto, tivemos a participação de dois alunos mexicanos, integrantes do projeto Ensino de Português como Língua Estrangeira, que contribuíram de maneira satisfatória para a comprovação da eficácia da proposta.

Como é uma pesquisa que envolve seres humanos, este trabalho foi submetido ao comitê de ética da Universidade Estadual de Santa Cruz que, após a tramitação legal, obteve a aprovação.

2.3 Contextualizando a pesquisa

A Língua Portuguesa está a cada dia sendo mais conhecida e promovida no mundo. Atualmente ela é a sexta língua mais falada no mundo, com cerca de 250 milhões de falantes distribuídos no planeta, e a terceira língua mais utilizada na internet, há ainda que se destacar o seu reconhecimento e divulgação como língua de negociações internacionais. Por conta desse avanço da Língua Portuguesa pelo mundo, surge o interesse por parte de muitas universidades e institutos de educação superior de implantar nos departamentos de Letras ou Línguas Estrangeiras o curso de PLE, devido a grande demanda de aprendizagem do português, seja por aspectos econômicos, seja por uma difusão maior do Brasil enquanto país turístico, seja pela divulgação do país no que concerne à cultura, esporte, dentre outros.

No Brasil e em muitos países do mundo, muitos centros de estudos já têm em seu currículo, o ensino de PLE frente à demanda de profissionais que vêm para o Brasil, ou mesmo outros países de língua portuguesa com objetivos peculiares. Vale destacar, também, os Centros de Estudos Brasileiros (CEB's) no Paraguai, em Oxford, em Barcelona, em Salamanca, entre outros que promovem e divulgam a língua portuguesa e a cultura brasileira.

CAPÍTULO 3. CHAMADAS NAS CAPAS DA REVISTA *LÍNGUA PORTUGESA*: uma nova estratégia de ensino

Todo ser humano tem um papel ativo no ato conversacional, interage, concorda ou discorda de determinado assunto e faz uso de diversas estratégias comunicativas. Nesse ato dialógico do ser humano não há um espaço determinado para cada um, pois a necessidade da comunicação permite que uma pessoa interrompa a outra para expor o seu ponto de vista. Como diz Barros (1994, p. 3), “o sujeito deixa de ser o centro da interlocução que passa a estar não mais no *eu* nem no *tu*, mas no espaço criado entre ambos, ou seja, no texto” que passa a ser o centro da interlocução.

Em relação a esses atos dialógicos do ser humano, Bakhtin explica que o enunciado é único, não pode ser repetido, apenas citado, posto que vem de discursos proferidos no exato momento da interação social, ou seja, que a pessoa o faz uma única vez e em um momento único. Podemos comparar essa afirmação com os aforismos de Heráclito referentes ao homem e ao rio dentre eles o de que “Descemos e não descemos nos mesmos rios; somos e não somos”, que “ninguém se banha duas vezes no mesmo rio” e que "Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, pois ele já não será o mesmo, nem você".

Sendo assim, esta relação dialógica estabelecida entre os aforismos de Heráclito e o enunciado concebido por Bakhtin não é por acaso, ele reflete segundo Barros (1994, p.4), que “outro aspecto do dialogismo a ser considerado é o do diálogo entre os muitos textos da cultura, que se instala no interior de cada texto e o define”.

Observando essa perspectiva, para trabalharmos os gêneros discursivos, seguindo a teoria de Bakhtin, escolhemos as chamadas presentes nas capas da Revista *Língua Portuguesa* como uma estratégia nova de ensino de línguas,

pensando no ato comunicacional presente nas inferências feitas pelos aprendizes no momento da aplicação da atividade proposta.

O público alvo para aplicação dessas estratégias é de alunos e professores que fazem intercâmbio na UESC e já tiveram contato com a Língua Portuguesa no país de origem. Essas pessoas, ao chegarem à universidade, procuram um lugar onde possam aprender um pouco mais da língua portuguesa e encontram o projeto Ensino de Português como Língua Estrangeira, coordenado pela professora Maria D'Ajuda Alomba Ribeiro que, com alunos da graduação e do mestrado, oferece aulas de PLE. Essas aulas buscam, ao máximo, um direcionamento para as necessidades dos alunos e é com esse propósito que propomos as estratégias de ensino de PLE por meio das chamadas *,* onde esses alunos terão contato com a norma culta e as variações da Língua Portuguesa, bem como com a sua utilização em contexto real de uso.

Em relação à metodologia empregada, nossa pesquisa é de natureza qualitativa de cunho bibliográfico e experimental.

> A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZZOTTI, 2003, p. 221).

Desse modo, o nosso trabalho adotou essa abordagem metodológica a fim de interpretar e analisar a eficiência das atividades sugeridas a seguir. Vale destacar, que levamos em consideração na hora da análise a recepção dos aprendizes em relação às atividades propostas, logo só houve um grupo de aprendizes entre professores e alunos que deveriam ter como requisito para a participação no projeto uma ligação com o projeto Português como Língua Estrangeira da UESC, mencionado anteriormente. Em relação ao número de participantes, contamos com apenas 2 (dois) aprendizes que frequentavam o projeto Ensino de Português para Estrangeiros, fato esse que não interferiu na obtenção do *corpus* para a nossa análise., posto que o trabalho é de cunho qualitativo e independe da quantidade de alunos.

Vale ressaltar que uma pesquisa que envolva seres humanos perpassa por aspectos de natureza ética que exigem a avaliação de uma equipe para a devida aprovação. Logo, submetemos essa pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Santa Cruz (CEP-UESC) que o aprovou. O CEP-UESC foi instituído pela Portaria n° 850, de 31/10/2001, alterada pela Portaria Nº 557, de 18/05/2005, da Reitoria desta Universidade, aprovado e registrado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), em 26 de julho de 2005[8].

Assim, com a aprovação do CEP-UESC e de acordo com Xavier (2011, p. 192) quando diz que "o aprendiz lida com processo de inferência, dedução, raciocínio lógico entre outros para poder resolver a tarefa", propomos a seguir uma proposta de ensino que envolva essas estratégias presentes nos alunos.

Optamos por trabalhar cinco edições da revista *Língua Portuguesa* como já mencionada anteriormente. A metodologia se dará por etapas, a saber.

3.1 Procedimentos e análise das capas da revista Língua Portuguesa

a) a depender da quantidade dos aprendizes é indicado que se faça a atividade em grupo. O primeiro passo é a apresentação da revista que incluirá os seus objetivos, enquanto revista de circulação nacional, e a sua estrutura. Nessa etapa, o professor irá falar a respeito do nome da revista e por que o nome *Língua* está com mais destaque que o nome *Portuguesa*, nesse momento os alunos já começarão a fazer as suas inferências falando as possíveis estratégias de colocar um nome em maior destaque que o outro. As capas das Revistas *Língua Portuguesa* a seguir foram as selecionadas para o nosso trabalho e a partir delas faremos uma análise da sua estrutura. A participação dos aprendizes nessa etapa é fundamental e leva em consideração as construções que ele faz, na língua portuguesa, acerca do conhecimento linguístico e sociocultural, pois ao falar ele interage com o texto utilizando outras informações advindas de outras leituras, um tipo de tesouro mental, isto é, o conhecimento de mundo que ele tem. Para tanto, foi feita a análise de todas as capas selecionadas destacando todas as chamadas, desde a principal até as secundárias, com o objetivo de mostrar para os alunos que mesmo em

[8] Conferir informações no site www.uesc.br

edições diferentes os editores mantiveram a mesma estrutura da capa. Desse modo, apresentamos a seguir a análise de cada capa selecionada.

A primeira capa é a do mês de janeiro de 2011. A chamada principal é “Para escrever carreira”, a qual possui um pequeno texto explicativo de quatro linhas: “As 15 maiores dificuldades com o idioma que incomodam os profissionais do mercado e lotam cursos de reciclagem”. Na parte inferior da capa da revista há mais quatro chamadas, as quais acreditamos que as reportagens são menores do que a reportagem da chamada principal, logo, a classificamos como chamadas secundárias, a saber: “Gerúndio: A literatura mostra como dar estilo à forma verbal para fugir de usos viciados como “Vou estar passando o recado”, que não possui imagem; “A técnica do ensaio: o autor Alberto Manguel decifra um dos mais antigos gêneros de escrita”, com a imagem que, provavelmente, é do autor citado; “O código da enrolação: as consequências de escancarar retórias vazias no mundo da política”, chamada que conta com a imagem de um político polêmico; e “A leitura na escola: a escolha do livro pode ser menos importante que a forma de abordá-lo”, que também conta com uma imagem que faz menção a relação do professor com o livro didático.

Ainda na capa de janeiro, entre a chamada principal e as chamadas secundárias, encontramos três temáticas que a revista aborda: “Substantivo x adjetivo”, “Itamar Assumpção” e “A bolinha de Zé Simão” que não possuem informações tão claras com as das chamadas já mencionadas. Na parte inferior da revista há mais uma chamada “Imagens traduzem a estética e a linguagem do cangaço” com uma imagem que remete à temática abordada. Há ainda, na parte superior da revista, alguns temas que a revista aborda na edição analisada: “Redação, Poesia, Gramática e Etimologia”. A edição analisada é a do Ano 5 – Nº63 – Janeiro de 2011 – www.revistalingua.com.br. Observe a seguir a capa analisada.

Figura 3 - Imagem da capa da revista Língua Portuguesa do mês de janeiro

A segunda capa é a do mês de fevereiro de 2011. A chamada principal é “O texto depois da internet” que possui um texto explicativo de quatro linhas: “A influência da rede começa a mudar a forma como lemos e escrevemos. Saiba usar essa tendência a seu favor”. Na parte inferior da capa da revista há quatro chamadas secundárias, a saber: “Metonímia: o uso argumentativo da figura de retórica que dá dinamismo a expressão e amplia o sentido das palavras” sem imagem; “Livros experimentais; pedra, caixa de fósforo, mapas: uma viagem pelos formatos inusitados”, com a imagem que corresponde à chamada; “Politicamente correto:como entender e evitar os cuidados paranoicos com a linguagem”, com uma imagem que se refere à paranoia citada na chamada; “Palavras difíceis: evitar termos complicados é uma arte. Saber usá-los, também”, com a imagem de um abacaxi que, a *priori*, transmite a ideia de um problema, de algo difícil, fazendo menção às palavras difíceis.

Entre a chamada principal e as chamadas secundárias da capa em questão, encontramos três temáticas abordadas na revista: “Insultos alternativos”, “Entrevista: Ricardo Piglia” e “Nomes próprios” que não têm um texto informativo como as chamadas anteriores e, desse modo, não transmite clareza quanto ao conteúdo

abordado no interior da revista. Na parte inferior da capa encontra-se uma chamada pequena, “Um ensaio fotográfico com grandes nomes do carnaval”, porém mais clara que a última citada, nessa reportagem há uma imagem de uma máscara que, possivelmente se refere à palavra carnaval citada na chamada.

Nesta edição os assuntos abordados são: “Redação – Gramática – Discurso – Literatura”, que podem ser encontrados na parte superior da capa. A capa analisada é a edição Ano 5 – Nº 64 – fevereiro de 2011 – www.revistalingua.com. br. Observe a seguir a capa analisada.

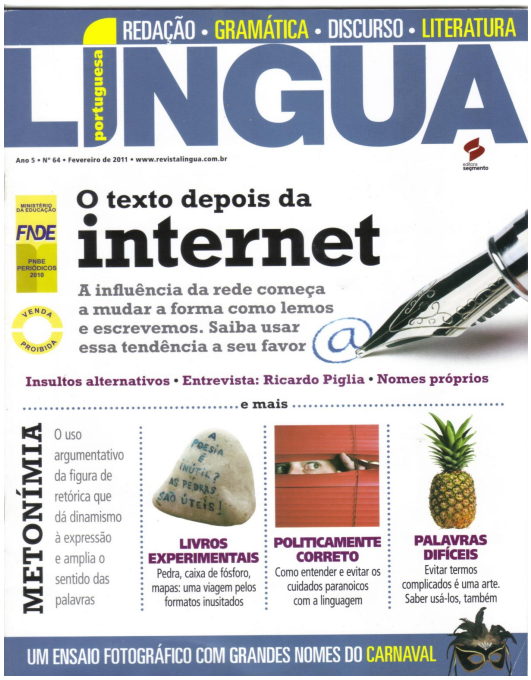


Figura 4 - Imagem da capa da revista Língua Portuguesa do mês de fevereiro

A terceira capa é a do mês de março. A chamada principal é “Sem medo do verbo” que apresenta o trecho seguinte: “‘Remedeia’ ou ‘remedia? ‘Se ela me ver’ ou ‘Se ela me vir’? Como driblar as cascas de banana e os erros mais frequentes em conjugação”. Ao lado dessa chamada encontra-se uma imagem de uma pessoa quase pisando em uma casca de banana, que remete aos escorregões na gramática de língua portuguesa. Na parte inferior da revista, na sessão “e mais”, encontram-se as quatro chamadas secundárias, são elas: “Clareza” com o texto explicativo: ‘objetividade não é tudo: ciência mostra que um texto só é claro segundo os critérios do campo em que circula’, sem imagem; “O latim ressuscitado”com o texto explicativo ‘Como o papa, o Google e até Harry Potter renovaram o interesse pelo idioma’, tendo acima a imagem do filme harry Potter citado na chamada; “O caipira e a metrópole” com o texto explicativo ‘Descoberta revela que sotaque do interior pode

ter surgido na capital' com uma imagem que lembra o interior; e "Gulliver de cara nova" com o texto explicativo 'Tradução da obra de Swift resgata português do século 17' com a imagem do filme Gulliver.

Na capa em foco, temos como chamadas intermediárias entre a principal e as secundárias, na parte central da revista, "Em torno x Entorno", "Audiolivros em alta" e "Raconais MC's em hipertexto", que não possuem nenhuma imagem. Destaca-se, também, nesta edição a chamada na parte inferior da revista "Novas obras mostram um Eça de Queiroz desconhecido" e ao seu lado uma imagem do autor mencionado na chamada. Encontra-se, ainda, na edição de março as temáticas trabalhadas naquele mês ao longo da revista "Escrita – Gramática – Retórica – Narrativa" que, provavelmente, não têm imagens por se referir a revista como um todo e não a uma reportagem específica. A capa analisada é a do Ano 5 – Nº 65 – Março de 2011 – www.revistalingua.com.br. Veja a seguir:

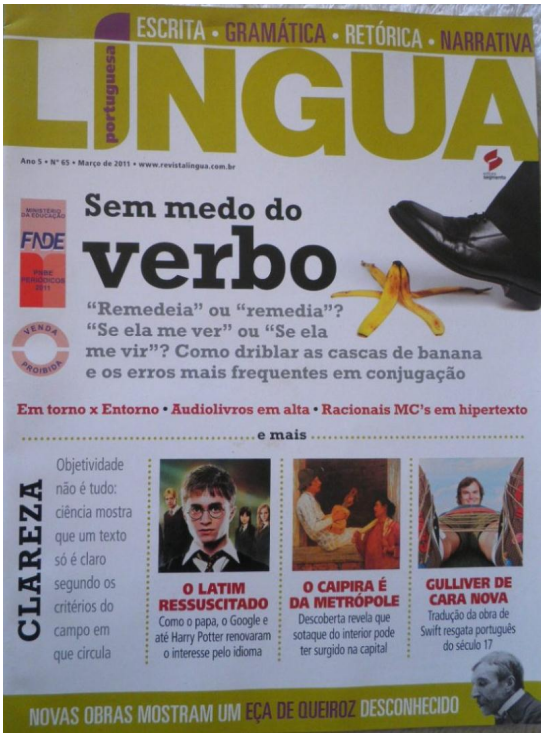


Figura 5 - Imagem da capa da revista Língua Portuguesa do mês de março

A penúltima capa trabalhada foi a de abril. Nesta edição, a chamada principal foi "Surpreenda" seguida do pequeno texto '7 dicas para impressionar o leitor com sacadas de escrita que vão da retórica ao cinema, ao lado dessa chamada encontra-se uma imagem de uma caixa surpresa que, provavelmente, foi usada no sentido de causar admiração no leitor com o estilo de escrita empregado no texto. A sessão "e mais" trouxe as seguintes chamadas: "Feminismo" seguida do texto explicativo 'Oito

maneiras de entender a lógica por trás da flexão de gênero nas palavras que explicam ‘parenta’ e outras formas, sem imagem; “O vai e vem da ‘transa’”, seguida do texto explicativo ‘A evolução do termo que virou sinônimo de sexo, comércio e cultura’, seguida de uma imagem que remete ao processo de biológico de reprodução humana; “A filha que o rei escondeu”, com o texto explicativo ‘manuscrito revela intimidade e erros de português de D. Pedro I’, seguido da imagem de D. Pedro I; e “’Ser’ ou ‘Estar’?” com o texto explicativo ‘como a vida moderna alterou o sentido dos verbos’, seguida da imagem que remete à correria do mundo moderno.

Na parte central da capa, encontram-se chamadas sem o texto explicativo: “Os 112 nomes de Khadafi”, “Os gêneros de tsunami” e “Moacir” que, por não apresentarem texto explicativo nem imagens, acabam não chamando tanto a atenção do leitor. As temáticas abordadas na revista, como um todo, são encontradas na parte superior da capa “Gramática – Literatura – Etimologia”. A capa analisada é a do Ano 5 - Nº 66 – Abril de 2011 – www.revistalingua.com.br. Observe a seguir.

Figura 6 - Imagem da capa da revista Língua Portuguesa do mês de abril

A quinta e última capa analisada foi a de maio. Nesta última capa analisa a chamada principal foi “Pronomes” com cinco linhas de texto explicativo “ ‘Pago-lhe’ ou ‘Pago-a’? ‘Me conta’ ou ‘Conta-me’? Como evitar constrangimentos com a categoria de palavras que representa pessoas e coisa”, nesta chamada a imagem representa uma pessoa e ao mesmo tempo um objeto, pois é a imagem de um manequim referindo-se aos pronomes. As chamadas secundárias, na sessão “e mais” destacam os seguintes temas: “Vírgula + etc.” com o texto explicativo ‘Apesar de facultativo, o sinal de pontuação antes de *et cetera* foi consagrado pelo uso cotidiano’, que não possui imagem; “Bandeira da leitura” com o texto explicativo ‘Para brasileiro, livro vale menos do que um tênis, diz Pedro Bandeira’, seguida de uma imagem que, provavelmente é de Pedro Bandeira; “Falsa semelhança” com o texto explicativo ‘As confusões entre palavras parecidas, como ‘imergir’ e ‘emergir’’, seguida de uma imagem que faz menção aos significados de imergir e emergir; e ‘Os males da concisão” com o texto explicativo ‘Quando texto curtos demais podem prejudicar a mensagem’, seguido de uma imagem de uma cabeça sendo amassada que, provavelmente, se refere a exprimir ao máximo as palavras em um texto, de modo a prejudicar a sua interpretação.

A capa ainda apresenta chamadas mais curtas que ficam entre a chamada principal e as chamadas secundárias. Nesta edição, encontram-se apenas duas chamadas “O neologismo dos videogames” e “Gonçalo Tavares em hipertexto” que não apresentam nenhuma imagem. Há, ainda, na parte inferior da capa uma outra chamada “As pistas que Sherlock Holmes deixou na linguagem” que não apresenta um texto explicativo, mas tem uma imagem que se refere a Sherlock Holmes. A parte superior da capa que apresenta os assuntos abordados ao longo da revista apresenta os seguintes temas: “Gramática – Técnicas de escrita – Ficção” que não apresentam texto explicativo nem imagem. Observe a seguir a capa analisada.

Figura 7- Imagem da capa da revista Língua Portuguesa do mês de maio

Ao analisarmos as capas selecionadas, percebemos que todas mantêm a mesma estrutura, a saber:

a) Análise estrutural das capas feita com os aprendizes durante a aplicação da proposta.

- ✓ No título da Revista *Língua Portuguesa,* o nome Língua está em mais destaque que o nome Portuguesa. Acreditamos que essa opção seja proposital posto que a revista não aborda temáticas relacionadas apenas à Língua Portuguesa, mas sim as línguas, porém fica claro que o seu foco é a Língua Portuguesa.
- ✓ Em todas as revistas percebe-se que há uma reportagem que chama mais a atenção dos leitores e sua posição sempre é a mesma. No caso das capas analisadas as reportagens sempre se encontram na parte superior da revista e têm, além da linguagem verbal, a linguagem não verbal que tem relação direta com o texto escrito.
- ✓ Em seguida destacam-se, também, as chamadas menores que ficam abaixo daquela que está mais destacada. Observa-se que tanto na reportagem com

mais destaque quanto nas últimas quatro citadas, há abaixo das chamadas um texto explicativo acerca da temática abordada.

- ✓ Após a percepção das chamadas mais destacadas encontram-se as chamadas com menos realce que não são acompanhados por linguagem não verbal e tampouco por um texto explicativo,estas podem ser encontradas na parte central da revista. Na parte inferior da revista, encontramos outras chamadas que embora não tenha um texto explicativo faz uso da linguagem não verbal. Há ainda, na parte superior, algumas temáticas que a revista contempla e que não fazem uso de texto explicativo nem, tão pouco de imagens, pois não se referem a uma reportagem específica, mas sim aos assuntos abordados na revista de um modo geral.
- ✓ Por fim, encontra-se na parte superior esquerda da capa, logo abaixo do nome da revista as suas referências: ano da revista, número, mês, ano e o site da revista.

1.1. Depois de analisar o nome da revista é a hora de perguntar para os alunos qual seria a reportagem principal de cada revista, geralmente aquela que toma um número de páginas considerável no seu interior. Nesse momento, os aprendizes perceberão que uma das estratégias que os editores escolhem para dizer na capa que uma reportagem é mais interessante é o seu tamanho, sua cor e uma imagem que corresponde a uma linguagem não verbal ligada a reportagem principal da revista.

1.2. Encontrada a chamada principal, proporemos aos alunos que identifiquem as chamadas secundárias, o que não é muito difícil posto que, nas cinco revistas analisadas todas elas se encontram na parte superior da revista. Nessa área da revista a primeira chamada não tem nenhuma imagem atrelada ao texto, ao contrário das outras três chamadas que têm sempre uma imagem referindo-se ao texto. Ainda nessa etapa, pediremos aos alunos que diferenciem o suposto título das chamadas do trecho adicionado a elas, atividade simples, pois o possível título está com as letras maiores e cores diferentes do trecho adicional, com o intuito de perceber a relação lógica estabelecida entre ambas.

1.3. A capa da revista não é espaço suficiente para contemplar todas as reportagens contidas no seu interior, ainda assim é possível identificar

outras chamadas com menos destaque e sem imagem nessas capas. Alguns alunos podem inferir que essas reportagens não são tão importantes como a principal.

1.4. Para finalizar essa etapa pediremos aos alunos que relacionem as chamadas às suas imagens e mostrem como essas imagens podem despertar o interesse em ler tal reportagem.

b) Analisada a capa da revista como um todo, por meio da oralidade, é a hora de partir para a primeira parte da produção escrita onde será pedido aos alunos que, com base na chamada principal, da revista escolhida por eles, encontrada no início da atividade, faça uma pequena reportagem com mais ou menos dez linhas. Nesse momento, os alunos ainda não poderão ter acesso ao conteúdo interno da revista, farão o que é pedido com o que consta apenas na capa. Após a produção escrita se pedirá que cada grupo apresente o seu texto e só depois de lida a compare com a reportagem principal. Buscar-se-á perceber ao longo das leituras que algumas produções textuais se distanciam do conteúdo original da reportagem, isso acontece por conta das estratégias de sedução que os editores utilizam para chamar a atenção para o seu conteúdo interno, porém, muitas vezes esses editores não se preocupam em passar o assunto real da reportagem e acabam recortando um pequeno trecho que não faz jus ao texto como um todo.

c) Em seguida, os alunos receberão uma folha com a estrutura (Anexo A), para que possam confeccionar uma capa de revista, levando em consideração as características que perceberam na análise das capas estudadas. Vale ressaltar que a estrutura da revista é parecida com a da revista *Língua Portuguesa*, mas a escolha da temática fica a critério dos alunos, posto que eles devem ter conhecimento um tanto amplo para elaborar tal capa.

3.2 Aplicação da proposta com os aprendizes

Com base na proposta apresentada na seção anterior foi feita a aplicação da atividade com os aprendizes de PLE, integrantes do projeto Ensino de Português como Língua Estrangeira, Jésica Yssel Garay Martínez e Juán Jésus Otero Acosta,

ambos participaram das aulas de PLE durante o período que estavam no Brasil fazendo intercâmbio. Os aprendizes são mexicanos e faziam intercâmbio no curso de economia da Universidade Estadual de Santa Cruz.

Conforme descrito anteriormente, a proposta de usar as chamadas nas capas da revista *Língua Portuguesa* teve início com a apresentação do projeto inicial para os aprendizes de PLE já citados. Como tivemos a participação de dois aprendizes o trabalho foi desenvolvido individualmente e após a discussão acerca do teor e estrutura das revistas apresentadas os alunos tiveram a possibilidade de escolher aquela que mais lhes chamou a atenção, com base exclusivamente na capa, pois nesse primeiro momento eles ainda não podiam ter conhecimento do conteúdo interno da revista.

Após as considerações acerca dos conteúdos apresentados nas capas da revista *Língua Portuguesa* se iniciou a segunda parte da proposta, a qual tinha como ponto forte a prática escrita dos aprendizes de PLE. Com base no plano inicial, foi solicitado aos aprendizes que escolhessem umas das chamadas, da revista selecionada por eles, para que pudessem criar uma reportagem contendo cerca de 10 linhas, tendo como base apenas as informações da capa da revista e o conhecimento que tinham acerca da chamada escolhida.

Logo, com cerca de 30 minutos obtivemos os resultados seguintes:

- A aprendiz Jesica Issel Garay Martínez, que escolheu a revista do mês de janeiro de 2011, optou por fazer a reportagem da chamada maior da capa: *"**Para reescrever sua carreira**: As 15 maiores dificuldades com o idioma que incomodam os profissionais do mercado e lotam os cursos de reciclagem".* Observem a reportagem criada pela aluna:

"Como é que o professional pode trascender do nivel geral de portugues , para se poder desenvolver de uma melhor forma, nas entervistas do trabalho, na houra de apresentar projetos, etc. e dar continuidade a esse desenvolvimento para não ficar sempre con un lenguage que se possa percever que a pessoa não é nativo da região (lingua) com o proposito de fazer uma redução de escolas que não cunplan com o nível que dizem ter".

A princípio podemos analisar no texto alguns aspectos gramaticais pertinentes. Em algumas palavras percebemos a influencia da língua materna do

aprendiz, o espanhol, que por conta da sua semelhança com o português faz com que o aprendiz se sinta a vontade para algumas construções, tal fenômeno é denominado de fossilização, mas também é conhecido por muitos como o portunhol. A fossilização é uma circunstância na qual o falante conserva em seu modo de falar, na língua alvo, alguns elementos e regras de sua língua materna.O portunhol pode ser classificado como uma interlíngua, a mistura da língua portuguesa e da língua espanhola, isso acontece devido ao fato das duas línguas terem a mesma origem, o latim, e, por isso, os falantes dessas duas línguas se sentem a vontade de trocar uma palavra por outra de forma natural sem levar em conta, muitas vezes, a concordância e a coerência em determinadas construções.

> Aqui vale contrapor a cara bonita do portunhol como manifestação natural de interlíngua em desenvolvimento, a qual deve ser aceita e mesmo incentivada. Ele é um num de seus sentidos a reivindicação de um gesto ou atitude de convergência cultural, social ou psicológica com relação à nova língua. O indesejável do Portunhol é o seu congelamento num dado patamar (em geral baixo, embora comunicativamente suficiente na percepção do usuário), gravando a interação com o ônus extra para o interlocutor falante-padrão que tem de filtrar continuamente os ruídos do sistema da interlíngua estacionária. (ALMEIDA FILHO, 1995, p.18).

Nessa perspectiva, o portunhol pode ser aceito, mas não deve servir como parâmetro para se aprender uma língua ou outra. No texto produzido pela aprendiz, as palavras que se destacam pelo fenômeno discutido anteriormente são: Professional *(português=profissional e espanhol=profesional),* Trascender *(português= transcender e espanhol= trascender),* Nivel *(português= nível e espanhol= nivel),* Portugues *(português= português e espanhol= português),* Con *(português= com e espanhol=con),* Un *(português= um e espanhol= un),* Lenguage *(português= linguagem e espanhol=lenguaje),* Cunplan *(português= cumpram e espanhol= cumplan).*

De posse de tal análise, esclarecemos que o nosso foco não foi unicamente a análise gramatical do texto produzido, mas também para a interpretação da chamada pela aprendiz. Desse modo, podemos constatar que a aprendiz relacionou a chamada à sua vida, no que tange a sua relação com a língua estrangeira – a língua portuguesa –, no momento em que destaca o profissional como um estrangeiro que não tem total domínio da língua em foco. Na sua reportagem

também é destacado a eficácia dessa reciclagem da língua por parte do profissional, para ser bem desenvolto nas entrevistas de trabalho, bem como na apresentação de projetos em uma determinada empresa.

No entanto, no final da reportagem as duas últimas informações não estão muito bem relacionadas, pois a penúltima discorre acerca da percepção, através da linguagem, do profissional ser nativo ou não e a última da redução de escolas que não são tão capacitadas para ensinar. A questão é que essa última informação acerca das escolas não ficou clara e não tem uma ligação lógica com as informações anteriores.

Vale ressaltar que, a aprendiz conseguiu relacionar o conhecimento que tem acerca da importância da fluência na língua que se busca um emprego e do valor que tem as atualizações no estudo da língua.

De posse dessa análise inicial, podemos apresentar alguns trechos da reportagem da revista que contempla a chamada escolhida pela aprendiz, com o intuito de compará-las e destacar os pontos em que elas se aproximam e se distanciam.

Como a chamada escolhida pela aprendiz é a maior da capa, já era esperado que ela tivesse um número considerável de páginas. A reportagem se inicia na página 36 e termina na página 42. Observe os parágrafos introdutórios da reportagem:

> “A água está no joelho dos profissionais do mercado. As debilidades na formação em língua portuguesa têm alimentado um campo de reciclagem em português nas escolas de idiomas e nos cursos de graduação para pessoas oriundas do mundo dos negócios. A disciplina de Português Instrumental emerge na graduação de cursos da área de negócios. Várias escolas de idiomas têm ampliado o número de cursos de língua portuguesa para brasileiros que percebem a necessidade de atualização.
> O que antes era restrito a profissionais de educação e comunicação, agora já faz parte da rotina de profissionais de várias áreas. Para eles, a língua portuguesa começa a ser assimilada como uma ferramenta para o desempenho estável. Sem ela, o conhecimento técnico fica restrito à própria pessoa, que não sabe comunicá-lo.
> – Embora algumas atuações exijam uma produção oral ou escrita mais frequente, como docência e advocacia, muitos profissionais precisam escrever relatório, carta, comunicado, circular. Na linguagem oral, todos têm de expressar-se de forma convivente nas reuniões, para ganhar respeito e credibilidade. Isso vale para todos os cargos da hierarquia profissional – explica Maria Helena Nóbrega,

> professora de língua portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP"[9].

Nesses parágrafos introdutórios, percebemos algumas semelhanças com a reportagem criada pela aprendiz, uma delas é a presença do nome escola que receberam destaque nas duas reportagens. Por outro lado, fica claro na reportagem que o público de profissionais citado na chamada não é de estrangeiros, mas sim de brasileiros que sentem a necessidade de atualização do português por conta do trabalho. A reportagem ainda aponta as 15 maiores dificuldades com o português, a saber: 1) Falta de clareza; 2) Prolixidade; 3) Queísmo; 4) Gerundismo; 5) Tropeços ao usar a crase; 6) Falta de concordância de verbo antes do sujeito; 7) Problemas de regência; 8) Dificuldade com "haver"; 9) Mau uso do "fazer" para indicar tempo; 10) Dúvidas de ortografia; 11) Escrever como falar; 12) Má colocação de pronomes; 13) Infinito flexionado; 14) Problemas de pontuação principalmente da vírgula; 15) Falta de revisão do que escreve.

Vale destacar que a aprendiz destacou alguns pontos que têm haver com os 15 itens apresentados no interior da revista, como um bom desempenho nas entrevistas de emprego e nas apresentações de projeto, ações que exigem um bom domínio da língua.

- O aprendiz Juán Jésus Otero Acosta, que escolheu a revista do mês de maio de 2011, optou por fazer a reportagem de umas das chamadas secundárias da capa: *"**Falsa semelhança**: as confusões entre palavras parecidas, como 'imergir' e 'emergir'".* Observem a reportagem criada pelo aluno:

"A dificultade para falar certo em palavras que se usam diariamente se da nas pessoas constantemente sem saber realmente se o contexto é o correto. As expreções mais comuns com as quais a gente se comunica podem mudar só com a entonação ou a pessoa ou objeto do qual se que falar. Como escrever um texto de forma certa seguindo a gramática portuguesa e não cometer em erros. Como se esta bem ou mal escrito ou falado uma ideia e conhecer as reglas do português para melhorar nossas expreções dia a dia".

[9]Informações retiradas da Revista *Língua Portuguesa.*

Na produção textual do aluno Juán Jésus Otero Acosta percebemos poucos erros na escrita de palavras, porém encontramos de forma acentuada, falta de pontuação e coesão em algumas construções frasais. O fenômeno da fossilização e do portunhol, mencionados na análise anterior, também está presente nesse texto nas palavras: Dificultade *(português= dificuldade e espanhol= dificultad)*, Expreções, *(português= expressões e espanhol= expresiones)*, Reglas *(português= regras e espanhol= reglas/normas).* Quanto à coesão o aprendiz usa um termo inadequado para mantê-la quando, por exemplo, no trecho *"como escrever um texto de forma certa seguindo a gramática portuguesa e não cometer* ***em*** *erros*" usa o ***em*** antes de ***erros*** que não é necessário. O aprendiz não usa conectores entre uma oração e outra, o que passa a impressão de um texto solto sem muita ligação. No início da última oração ele usa a palavra ***como*** de forma inadequada, pois ela não se encaixa coerentemente com o sentido que ele quer transmitir na frase, a palavra mais correta seria ***quando***.

Quanto ao conteúdo da reportagem criada por Juán Jésus Otero Acosta e a chamada da capa da revista escolhida, percebe-se que o aprendiz não quis se atentar para o assunto especificamente – falsa semelhança – mas resolveu enfocar as dificuldades no uso da língua portuguesa como um todo, citando as dificuldades do emprego correto da gramática tanto na língua falada quanto na língua escrita, em referência ao contexto ao qual ela está inserida. Vale destacar que o aprendiz não escolheu a reportagem principal, mas sim uma das chamadas secundárias localizadas na parte inferior da revista e para melhor entender essa análise selecionamos alguns trechos da reportagem da chamada escolhida, que se encontra no interior da revista.

> As palavras parônimas às vezes confundem até bons redatores. Isso embora a diferença entre elas em geral passe despercebida (não "desapercebida") na fala, mesmo de pessoas de boa formação. Semelhantes na pronúncia e na grafia, mas com outro significado, costumam ser identificáveis por discretas diferenças que convêm apreender (não só "aprender"). Pois podem desfear (não "desfiar") até o texto dos mais sofisticados autores. Foi o que ocorreu com Luiz Felipe Pondé, colunista do jornal *Folha de S.Paulo* . Em "Femmes aux hommes", artigo editado no caderno *Ilustrada* de 21 de fevereiro, ponderava suas considerações sobre o comportamento, quando redigiu: "Se você só quer 'pousar de poderoso' com uma gostosa, tudo bem, mas se quiser viver com ela, aí a coisa pega." Não é o caso de se deter muito na falta da vírgula que deveria separar a oração condicional "se quiser viver com ela"; como é oração

> intercalada, deveria vir entre vírgulas: "Mas, (vírgula faltante) se quiser viver com ela, (vírgula) aí a coisa pega".

Com base nesses trechos iniciais da reportagem, que vai da página 18 a 20, podemos perceber algumas semelhanças entre o conteúdo do texto produzido pelo aprendiz e o conteúdo da reportagem da revista. O aprendiz fala da dificuldade de uso de palavras em contextos distintos, informação essa que parece completar a reportagem que fala sobre palavras muito semelhantes, tanto na grafia quanto na pronúncia, que podem mudar totalmente o sentido da frase se não estiver em um contexto específico.

Outro ponto a destacar acerca dessa chamada é o seu título, pois na capa encontramos o tema “Falsa semelhança” e no interior da revista “Armadilhas vocabulares”. Foi interessante chamar a atenção dos aprendizes para isso, antes de iniciarem as atividades os editores usam dessa estratégia a todo o momento nas capas de revista, com o intuito de chamar a atenção do leitor, porém muitas vezes essa estratégia acaba dificultando a identificação da reportagem no interior da revista por conta da proposta textual no interior da revista ser muito distante da proposta textual apresentada nas capas.

Após as apresentações das reportagens criadas pelos aprendizes e suas respectivas análises e comparações com as reportagens do interior da revista, partimos para a segunda etapa de nossa proposta: a criação de uma capa de revista com base na análise das capas utilizadas na atividade anterior. Nessa etapa os aprendizes tinham que produzir uma capa seguindo uma estrutura já pronta onde iriam introduzir apenas o texto – em língua portuguesa – e as imagens.

Antes de iniciarmos a análise da capa, observe a capa criada pela aprendiz Jesica Issel Garay Martínez a seguir:

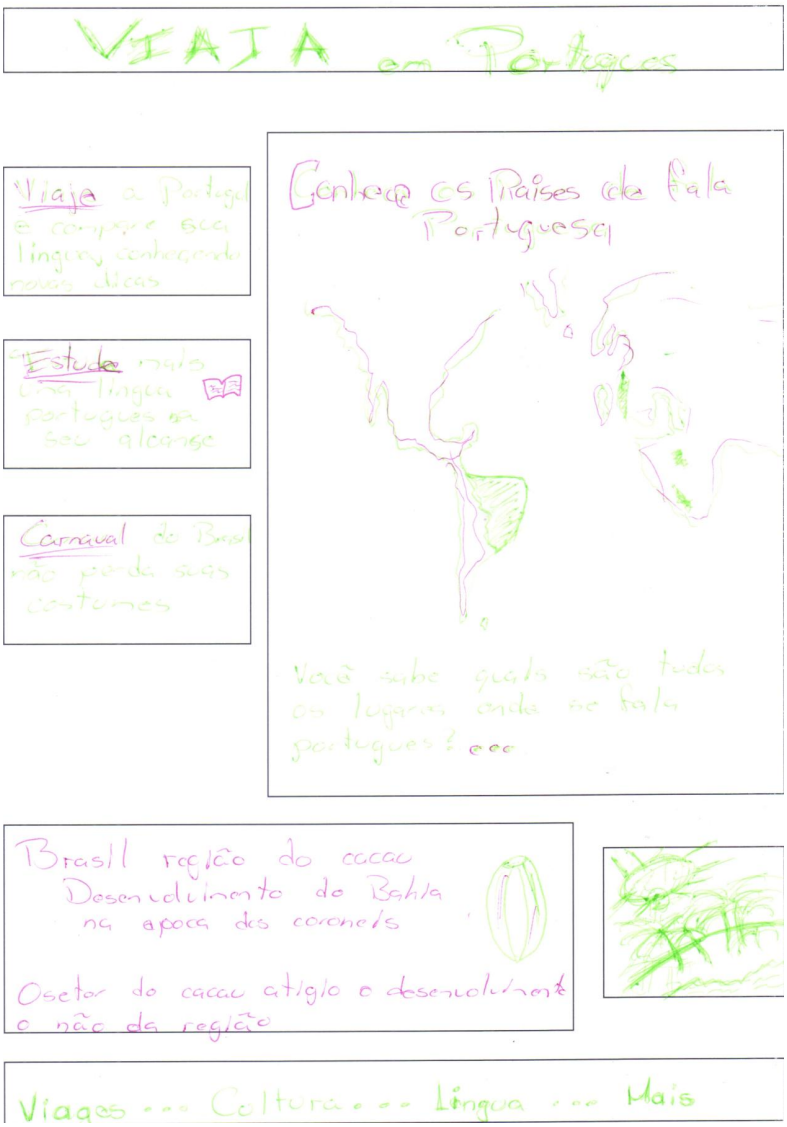


Figura 8 - Imagem da capa produzida pela aprendiz Jesica Issel Garay

A aprendiz recebeu a estrutura da capa pronta, com os espaços definidos para o nome da revista, a chamada principal e as chamadas secundárias. “Viaja em portugues” foi o tema dado por Jesica, nele podemos observar que o verbo ficaria mais apropriado para a frase no infinitivo – viajar – que faria menção ao estudo da língua portuguesa como um todo. Ainda em relação ao nome da revista, observa-se que o acento circunflexo não apareceu, provavelmente, é mais uma vez o fenômeno da fossilização apontado na análise da atividade anterior, pois não há acento circunflexo no espanhol e, em alguns casos, no seu lugar aparece “la tilde”, nosso acento agudo.

Terminada a atividade anterior, a aprendiz conseguiu captar as características de uma capa de revista, como podemos observar na sua chamada principal

“Conheça os paises de fala portuguesa” seguida da imagem do mapa mundi e do texto informativo “Você sabe quais são todos os lugares onde se fala portugues?...”. Nessa chamada principal, a aprendiz conseguiu relacionar o título da reportagem com a imagem e com o texto explicativo, pois desenhou um mapa referindo-se a amplitude de lugares que falam a língua portuguesa. É importante ressaltar as palavras que não recebem acento como países e, mais uma vez, portugues. No entanto, esses deslizes na acentuação das palavras acabam se tornando menores quando observamos o todo dessa chamada, no que tange a coerência e a correlação feita entre o texto verbal e o texto não verbal.

No lado esquerdo da capa há mais três chamadas, a saber: “Viaja a Portugal e compare sua língua, conheçendo novas dicas”; “Estude mais uma língua portugues no seu alcanse”; e “Carnaval do Brasil não perda suas costumes”. Essas construções não estão tão claras como a da chamada principal, nelas, vale destacar alguns erros que dificultam a interpretação das frases. A primeira chamada é interessante, pois é muito relacionada ao nome da revista, porém o verbo ficaria melhor se estivesse conjugado no modo imperativo “Viaje a Portugal e compare sua língua” combinando com o verbo seguinte compare. A chamada seguinte também faz menção ao português, porém faltou uma pontuação mais adequada para uma melhor interpretação, vale destacar também as palavras *portugues* e *alcanse*. Nesta segunda chamada, correções adequadas deixariam o texto assim: “Estude mais uma língua. O português ao seu alcance/ Estude mais uma língua: português ao seu alcance.

Em relação a terceira chamada, pode-se perceber uma outra forma de se “viajar no português”. Nesta chamada, a aprendiz faz alusão ao Carnaval do Brasil como algo tradicional que é diretamente relacionado à cultura brasileira e à língua portuguesa, porém observam-se dois erros gramaticais nela. O primeiro se refere a conjugação do verbo perder e o segundo ao pronome possessivo suas. A chamada em questão poderia ficar da seguinte forma: “Carnaval do Brasil não perde seus costumes”, com o verbo conjugado corretamente, bem como o uso correto do pronome.

No caso do pronome, mais uma vez, chamamos a atenção para a fossilização que ocorre entre aprendizes de português que tem o espanhol como língua materna e vice-versa. A justificativa desse erro é bem clara, pois na língua espanhola os pronomes possessivos são encontrados de duas formas: formas átonas

(apocopadas) e formas tônicas (completas), na primeira os pronomes não tem diferença entre o masculino e o feminino. Desse modo, a aprendiz pode ter levado essa regra em consideração na hora de produzir o seu texto.

3.2.1 Representações culturais na percepção do aprendiz de PLE

Na parte inferior da capa a chamada "*Brasil região do cacau. Desenvolvimento da Bahia na epoca dos coroneis. O setor do cacau atigio o desenvolvimento o não da região*", acompanhada da imagem de um cacau, chama a nossa atenção para a importância que a aprendiz dá à relação entre língua e cultura, pois

> ... a cultura é para o homem o seu conjunto de crenças, conhecimentos e técnicas, além de modos de pensar e agir formulados durante a história de seu determinado grupo ou sociedade. Representa, portanto, a interação humana com o meio (a natureza) em que vive certo grupo de seres humanos. Podemos dizer que a cultura é uma eterna catalisadora e que nunca vai se caracterizar como alguma coisa estática ou imutável. Sua mutabilidade é, sem dúvida, alguma coisa inerente à sua existência. Vale lembrar que a cultura nasce com a operação social via linguagem e é nela mantida em constante reajustamento ao longo do tempo. (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 159-160).

Apesar da importância entre língua e cultura exaltada pela aprendiz, não podemos desconsiderar alguns erros de pontuação, de ortografia e a falta de ligação, proveniente da falta de conectores, entre uma frase e outra. O trecho "Brasil região do cacau" deveria ganhar um destaque ou ter uma outra cor para diferenciar do texto explicativo que deveria ficar "O desenvolvimento da Bahia na época dos coronéis mostra o setor que levou ao desenvolvimento da região". Desse modo, o texto teria clareza e objetividade e estaria em acordo com as regras da gramática de língua portuguesa. Ainda na parte inferior da capa há um quadro com uma imagem de um sol, alguns coqueiros e – ao que parece – um mar, nos levando a crer que esta imagem faz menção a última chamada analisada por se referir a uma das cidades do cacau – Ilhéus.

Na parte inferior da capa a aprendiz fez uso do mesmo estilo de chamada encontrada na parte superior da revista Língua Portuguesa, apenas com os nomes das temáticas que a revista aborda "Viages...Cultura...Língua... Mais". Nesta parte,

identificamos mais uma marca do portunhol, a palavra portuguesa viagens foi grafada de forma semelhante a palavra espanhola viajes.

De um modo geral, a aprendiz conseguiu captar a essência da criação de uma capa de revista com base nas capas analisadas ao longo da aplicação das atividades, e conseguiu mostrar um bom nível de conhecimento da língua portuguesa. Os erros se tornam pequenos diante do domínio que a aprendiz tem da língua em estudo.

Findada a análise das atividades elaboradas pela aprendiz Jesica Issel Garay Martínez, apresentamos a capa preparada pelo aprendiz Juán Jésus Otero Acosta:

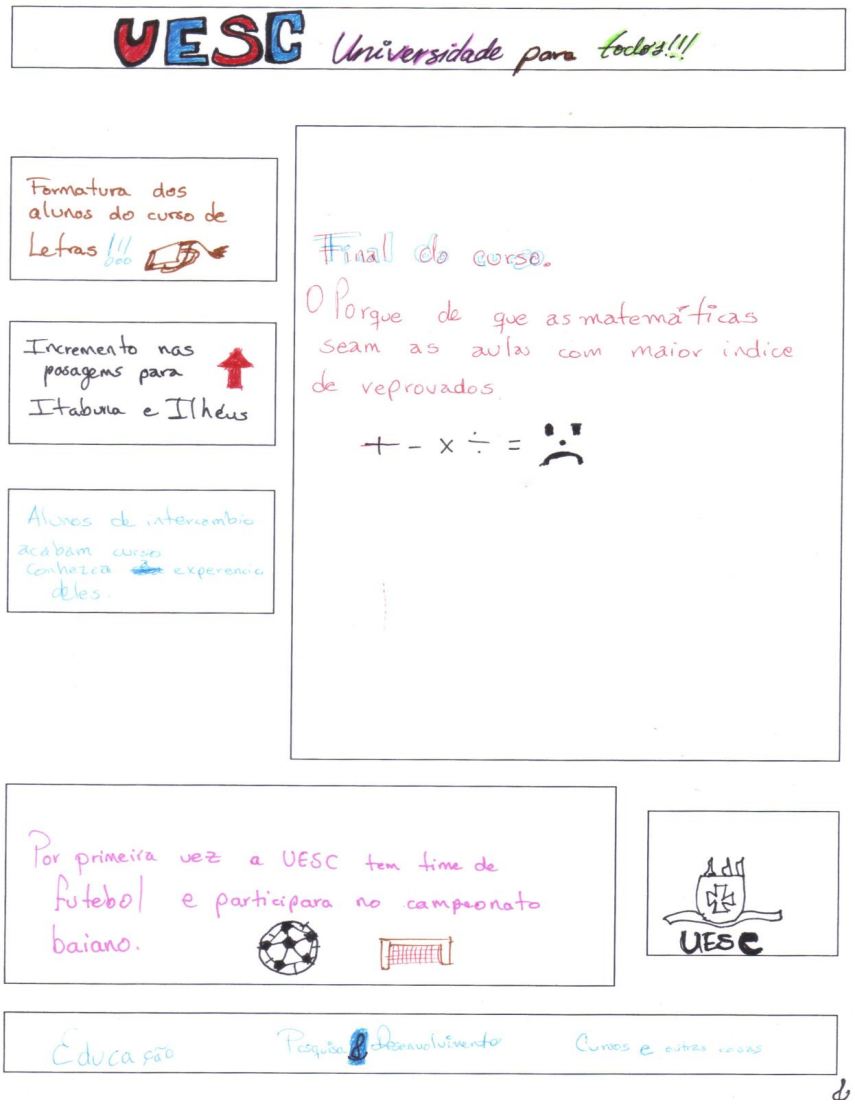


Figura 9 - Imagem da capa produzida pelo aprendiz Juán Jésus Otero Acosta

Assim como a aprendiz Jesica Issel Garay Martínez, o aprendiz Juán Jésus Otero Acosta também recebeu a estrutura da capa pronta, com os espaços definidos

para o nome da revista, para a chamada principal e para as chamadas secundárias. O título escolhido pelo aprendiz foi “UESC: universidade para todos”, nesse título observamos uma estrutura semelhante a estrutura do nome da revista *Língua Portuguesa*, pois o aluno optou por destacar uma parte do nome da revista, no caso UESC, também fez uso de fontes específicas para dar ênfase a parte que ele gostaria que chamasse mais a atenção do possível leitor da revista.

O aprendiz Juán Jésus Otero Acosta também compreendeu as características para a elaboração de uma capa, como podemos observar na construção da sua capa. Na chamada principal o título foi “Final de curso” com o texto explicativo “O porque de que as matemáticas seam as aulas com maior índice de reprovados”, seguido de uma imagem que refere-se as dificuldades dos alunos nas disciplinas exatas. Embora a chamada, como um todo, apresente coerência há alguns erros que devemos destacar como, por exemplo, o uso indevido do ‘de’ depois do ‘porque’, que deveria ter acento – porquê - por estar acompanhado de um artigo, o ortografia incorreta do verbo ser em ‘seam’, nesse caso o correto seria ‘são’ e a falta de acentuação na palavra índice. Para uma boa interpretação o texto poderia ser escrito de duas formas: “O porquê das matemáticas serem a disciplina com maior índice de reprovação”/ “Por que as aulas de matemática são as que tem o maior índice de reprovação?”. O uso da palavra matemática no plural – matemáticas - não é um erro qualquer, pois essa palavra se escreve no plural em língua espanhola, mais uma vez detectamos na interlíngua o processo de fossilização.

> Acredita-se que essa maior possibilidade de fossilização precoce seja resultado da dificuldade do falante de espanhol de perceber a diferença entre sua produção e a produção do falante nativo, já que são diferenças sutis, e da possibilidade de comunicação já num estágio elementar. Ainda que a possibilidade de avanço ou fossilização da interlíngua varie dependendo do aprendiz, a questão é até que ponto os ruídos da interlíngua estacionária prejudicam a recepção dessa interlíngua pela comunidade (CARVALHO, 2008, p. 159).

De posse de tal colocação, entendemos que a fossilização é um processo comum entre falantes de línguas próximas da mesma origem, porém esse processo tem um limite que é o da compreensão dos falantes nativos da língua alvo. Desse modo, com base na explicação de Carvalho (2008), damos sequência a análise das chamadas secundárias encontradas no lado esquerdo da folha. Essas chamadas são menores, porém bem claras, são elas: “Formatura dos alunos do curso de

Letras!!!", seguida da imagem de um capelo simbolizando a formatura; "Incremento nas pasagens para Itabuna e Ilhéus", seguida da imagem de uma seta para cima, indicando a elevação dos valores das passagens; e "Alunos de intercâmbio acabam curso conhezca a experencia deles, sem uso de imagem".

Ao analisarmos essas chamadas secundárias detectamos alguns erros, que podem ser classificados como o portunhol como, por exemplo, o nome 'pasagens' com apenas um **s**, característica da norma de língua espanhola, onde não existe o duplo **s**; na última chamada apresentada encontramos 'conhezca' que surge da mistura de **conheça** (do português) com o **conezca** (do espanhol), vale destacar que o aluno preservou o **nh**, construção própria da língua portuguesa e que não pertence à língua espanhola; ainda nessa chamada temos a palavra 'experencia' no lugar de experiência, possivelmente o primeiro i passou despercebido pelo aprendiz, posto que também existe na palavra espanhola experiência, porém a não colocação do acento circunflexo implica na não utilização do mesmo na língua espanhol.

Na parte inferior da capa produzida pelo aprendiz encontramos a seguinte chamada: *"Por primeira vez a UESC tem time de futebol e participara no campeonato baiano*", acompanhada de duas imagens: a de uma bola e a de uma rede de futebol. As duas imagens tem relação direta com o assunto explorado na chamada. Contudo, percebemos algumas inadequações gramaticais: a primeira é logo no início da chamada 'Por primeira vez ...' que deveria ser 'Pela primeira vez...", pois nesse caso a preposição pois deve ser acompanhada de um artigo; a segunda inadequação é a falta de acento na palavra 'participara', porém a falta de pontuação não prejudica a compreensão do tempo verbal do texto que está no futuro; a terceira inadequação gramatical foi o uso da preposição **em** no lugar de **de** na construção **no** (em +o). Ao lado dessa chamada ainda encontramos o nome UESC com o seu timbre.

Por fim, na parte inferior da capa são apresentadas algumas temáticas que a revista aborda: "Educação", "Pesquisa & Desenvolvimento" e "Cursos e outras cosas". Nessa parte, a única inadequação que encontramos é no nome **cosas** que deveria ser coisas. De um modo geral, a capa ficou objetiva e com chamadas claras que nos permitem uma boa interpretação e compreensão.

De posse das análise, ao trabalharmos as chamadas presentes nas capas da revista *Língua Portuguesa*, partimos do pressuposto de que a linguagem é um modo de ação individual que se realiza nas práticas sociais, nos diferentes grupos de uma

sociedade, nos distintos momentos da sua história, possibilitando ao homem, conhecer o significado do mundo e da realidade.

> A aprendizagem de uma língua se faz na interação dos alunos na sala de aula e, se possível, fora dela, na vivência de situações que tenham algum sentido para o aprendiz. Isto se torna particularmente mais fácil nos cursos de imersão em que o aluno desenvolve todas as suas atividades no ambiente da cultura brasileira e da língua portuguesa (JÚDICE, 2002, s.p.).

Dessa forma, o trabalho com textos do cotidiano, conforme apresentamos como didática de ensino, seja de língua materna ou de língua estrangeira, está cada vez mais constante. Quanto ao ensino de Português como Língua Materna temos como padrão de ensino os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que sugerem o uso de práticas que envolvam os mais diversos gêneros do discurso. Em se tratando do ensino de Português como Língua Estrangeira no Brasil ainda não há um documento norteador que determine o uso dessas novas práticas de ensino. Apesar de não termos um documento como os PCNs, podemos encontrar livros que apresentam trabalhos contendo parâmetros contemporâneos do ensino de PLE no Brasil como é o caso do livro *"Parâmetros atuais para o ensino de Português Língua Estrangeira*" de Almeida Filho (2009).

Sendo assim, quando falamos em metodologia ou planejamento de ensino de uma língua estrangeira devemos levar em consideração que

> No histórico de abordagens de ensino de línguas, duas grandes vertentes se definem: uma de base gramatical e outra de base comunicativa. Considerando que a abordagem é um elemento crucial para as decisões quanto ao planejamento teremos então, pelo menos, duas diretrizes definindo planejamentos. De acordo com determinantes nos momentos históricos, elas representam posições de antagonismo com relação às concepções de linguagem, de aprender e de ensinar, que, interligadas, atuaram/atuam na determinação de objetivos, conteúdo e procedimentos de cursos de línguas (VIANA, 2009, p. 31).

Os livros atuais que tratam do ensino de línguas, principalmente o ensino de PLE, apontam para uma nova realidade, que faz uso da aproximação da palavra com a imagem e leva em consideração que a linguagem é um ato social e, por isso, só existe quando há uma relação dialógica entre o eu e o outro que acontece por

meio dos gêneros discursivos de toda natureza. Acreditamos que ensinar uma língua estrangeira, e de maneira específica, ensinar o Português como Língua Estrangeira requer o uso de práticas que envolvam a aplicação da língua em contextos reais de uso.

> Na sociedade contemporânea, à prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada a prática de letramento da imagem, do signo visual. Necessitamos, então, falar em letramentos, no plural mesmo, pois a multimodalidade é um traço constitutivo do discurso oral e escrito (DIONÍSIO, 2011, p. 139).

Desse modo, com base no quadro evolutivo do ensino de PLE no Brasil, faz-se pertinente o uso de propostas metodológicas – como a apresentada nesse trabalho por meio das chamadas nas capas da revista Língua Portuguesa dos meses de janeiro, fevereiro, março, abril e maio de 2011 – que envolvam entre outras habilidades as de ler e escrever por parte dos aprendizes para que possam exercitar de maneira sociointeracional a língua portuguesa.

Logo, estudar as chamadas nas capas da revista *Língua Portuguesa* é pertinente pois, elas estão repletas de indicadores de subjetividade, onde quem a produz tem uma intenção ao produzir cada enunciado, seja de informar ou de convencer alguém sobre determinada posição assumida diante de um problema.

As capas de revistas circulam em várias esferas da sociedade e constituem sob a perspectiva teórica bakhtiniana, um gênero discursivo. Assim como os outros gêneros discursivos, uma capa de revista – entendida como unidade comunicativa – é um tipo relativamente estável de enunciado, que se compõe por três elementos essenciais: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Há um formato relativamente estável que caracteriza esta página que são os elementos verbais (as palavras) e não-verbais (imagens e cores) que compõem o enunciado produzido por seus enunciadores que constroem propositalmente o estilo de cada capa de revista.

Em suma, trabalhar as chamadas como gênero textual envolve não só as habilidades orais e escritas já expostas, mas trabalhar as habilidades intrínsecas em cada aprendiz como a de fazer inferências acerca da reportagem como um todo dentro da revista na língua-alvo. Sendo assim, todo gênero discursivo manifesta a intenção do autor que pode ser de informar, divertir, seduzir, orientar ou convencer o seu interlocutor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista as colocações acerca do ensino de Português como Língua Estrangeira no Brasil, das concepções de gêneros textuais e sobre a proposta de utilização das chamadas presentes nas capas da revista *Língua Portuguesa* como estratégia de ensino de PLE no Brasil, observa-se que quando se trata de métodos de ensino de línguas deve se levar em consideração a aplicação dos enunciados em contextos reais de uso da língua alvo.

Nesse sentido, a linguagem é um ato social e, por isso, só existe quando há uma relação dialógica entre o eu e o outro que só se realiza por meio dos gêneros discursivos de toda natureza. Acreditamos que ensinar uma língua estrangeira, e de maneira específica, ensinar o Português como Língua Estrangeira requer o uso de práticas que envolvam a aplicação da língua em contextos reais de uso.

Nessa perspectiva de ensinar a Língua Portuguesa para estrangeiros por meio de práticas interativas, comprovamos a nossa hipótese de que, de fato, as chamadas nas capas da revista *Língua Portuguesa* permitiram inferências lógicas acerca do conteúdo interno da revista, por meio da reflexão acerca do seu conteúdo fazendo uso da língua portuguesa. Ao mesmo tempo, também se confirmou que a estrutura da revista levou os aprendizes a perceberem as reportagens mais importantes da revista através da organização imagética da capa, onde a reportagem mais importante de cada revista se encontrava na posição central da revista e com mais destaque que as outras. Isso se deve ao fato dos aprendizes já terem um contato substancial com a língua, posto que estudaram no seu país de origem – México – a língua portuguesa intensificaram esse conhecimento por meio do contato com as alunos da graduação da UESC, onde faziam o intercâmbio.

Logo, com base no quadro evolutivo do ensino de PLE no Brasil, faz-se pertinente o uso de propostas didáticas que envolvam entre outras habilidades as de ler, escrever, ouvir e falar por parte dos aprendizes para que possam exercitar de maneira sócio-interacional a Língua Portuguesa. Em suma, trabalhar as chamadas como gênero textual envolve não só as habilidades orais e escritas já descritas, mas trabalhar as habilidades intrínsecas de cada aprendiz com o intuito de estabelecer uma relação contínua de aquisição da Língua Portuguesa como Língua Estrangeira.

Desse modo, após as análises das atividades aplicadas com os aprendizes de PLE que faziam intercâmbio na UESC e participavam do projeto Ensino de Português como Língua Estrangeira, confirmamos a nossa hipótese de que as chamadas, de fato, permitiram aos aprendizes inferências lógicas acerca do conteúdo interno da revista. Vale ressaltar que além desse processo de inferência percebido durante a aplicação das atividades, os aprendizes inseriram nas suas produções textuais o conhecimento de mundo que abarcava aspectos culturais da região, de modo específico, do contexto em que estavam inseridos: a UESC e a Bahia.

Nesse ínterim, também ficou claro através dos resultados encontrados por meio da análise que o ensino de uma língua e a cultura do povo que a tem como materna são inseparáveis, pois a língua só tem sentido quando está inserida em um contexto real de uso, logo não há como separá-la dos aspectos socioculturais do seu povo.

Contudo, percebemos que essa pesquisa conseguiu alcançar seu objetivo de propor estratégias de ensino de PLE que envolvesse alguns aspectos socioculturais, de forma satisfatória, pois além de apresentar as atividades e seus resultados de acordo com as hipóteses traçadas no projeto inicial, conseguiu de forma direta promover a Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Santa Cruz.

Vale destacar que em meio a evolução da Língua Portuguesa no contexto mundial, todo meio de divulgação e promoção a seu favor são válidos. Nesse caso, destacamos a língua portuguesa falado no Brasil que segundo o site socialbakers[10], citado pela página *Língua Portuguesa: uma Língua global*[11],é a terceira língua mais falada na rede social *facebook*. Esse crescimento se deve ao fato da expansão da rede social no mundo e principalmente no Brasil que, segundo dados recolhidos no site socialbakers, teve um número considerável de usuários que passou de 6.119.680 milhões de usuários em 2010 para 58.539.940 milhões em 2012. Desse modo, de acordo com o aumento do número de usuários brasileiros da rede social, cresce o interesse de estrangeiros pela terceira língua mais falada em uma das redes sociais mais conhecidas no mundo.

[10] http://www.socialbakers.com/blog/1064-top-10-fastest-growing-facebook-languages
[11] http://www.facebook.com/pages/L%C3%ADngua-portuguesa-uma-l%C3%ADngua-global/499974210017228

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas? In: ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de (Org.). **Português para estrangeiros interface com o espanhol.** Campinas: Pontes, 1995. p. 13-21.

ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas.** 3. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.75p.

_____. Lingüística Aplicada, aplicação de lingüística e ensino de língua. In: ALMEIDA FILHO, J.C.P. de. **Lingüística Aplicada – Ensino de línguas e comunicação***.* Campinas, SP: Pontes Editores e Arte Língua, 2005.

_____. (Org.). **Parâmetros atuais para o ensino de Português como Língua Estrangeira.** 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____, José Carlos Paes de. Língua-cultura na sala e na história. IN: MENDES, Edleise (Org.). **Diálogos interculturais**: ensino e formação em português língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 159-171.

_____. **O ensino de português como língua não-materna**: Concepções e contextos de ensino. Museu da Língua Portuguesa: Estação da Luz. Disponível em:< http://www.museulinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf> Acesso em: 11 set. 2012.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (orgs.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade***.* São Paulo, Edusp, 1994 (Ensaios de cultura, 7).

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (organização); Luiz Antônio Marcuschi... [et al.]. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino- 4, ed. – São Paulo: Parábola, 2011. p. 53-68

BRANDAO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 48 reimpor. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CAMPOS, Edson N. **Do conceito de gênero**: implicações metodológicas para a leitura e a produção de textos. Disponível em: <http://bibliotecadigital.unec.edu.br/ojs/index.php/unec02/article/viewFile/251/328> Acesso em: 07 fev. 2012.

CARVALHO, Ana M. Estudo de atitudes linguísticas sobre o português de hispanofalantes: até que ponto o *portunhol* é aceitável? IN: WIEDEMANN, Lyris; SCARAMUCCI, Matilde V. R. **Português para falantes de espanhol – ensino e aquisição**: artigos selecionados escritos em português e inglês. Campinas, SP: Pontes, 2008.

CASTRO, Sílvio. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. O Descobrimento do Brasil. Porto Alegre: L&PM, 2009.

CHIZZOTTI, Antonio. **A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**: evolução e desafios. Revista Portuguesa de Educação, 2003, 16(2), p. 221-236.

CONSOLO, Douglas Altamiro; VIEIRA-ABRAHÃO, Maria Helena (orgs.). **Pesquisa em linguística aplicada:** ensino e aprendizagem de língua estrangeira. – São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CUNHA, M. J. ; SANTOS, P. **Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros – Programa de Ensino e Pesquisa em Português para falantes de outras Línguas (PEPPFOL).** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502000000200010&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 mar. 2013.

DIONÍSIO, Angela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. – 4. ed. – São Paulo: Parábola, 2011. p. 137-152

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

JÚDICE, Norimar (organizadora). **Português para estrangeiros:** perspectivas de quem ensina. Niterói: Intertexto, 2002. 106p.

_____. **O ensino da língua e da cultura do Brasil para estrangeiros:** pesquisas e ações. Niterói: Intertexto, 2005.

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**: um tratamento conceitual. São Paulo: EPU/Edusp, 1980.

MARCUSCHI, Luiz Antonio**. Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 296p.

MARTINEZ, Pierre. **Didática de línguas estrangeiras**. São Paulo: Parábola, 2009. 112p.

MENDES, Edleise (Org.). **Diálogos interculturais**: ensino e formação em português língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes, 2011.

MEURER, J.L. Integrando estudos de gêneros textuais ao contexto de cultura. . In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (organização); Luiz Antônio Marcuschi... [et al.]. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino- 4, ed. – São Paulo: Parábola, 2011. p. 175-196

MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gêneros. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (organização); Luiz Antônio Marcuschi... [et al.]. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino- 4, ed. – São Paulo: Parábola, 2011. p. 153-173

MOITA LOPES, L.P. da. **Oficina de lingüística aplicada**: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas. Campinas: Mercado de Letras, 1996 (Coleção Letramento, Educação e Sociedade), 192 p.

_____. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

PACHECO, Denise Gomes Leal da Cruz. **Português para estrangeiros e os materiais didáticos:** um olhar discursivo. Orientadora: Maria Aparecida Lino Pauliukonis. Co-Orientadora: Regina Lúcia Péret Dell‘ Isola. Rio de Janeiro: UFRJ/PGL, 2006. Tese (Doutorado em Letras), 335 páginas.

PARAQUETT, Márcia. Interdisciplinar: artes plásticas e ensino de línguas estrangeiras. In: MOTA, K. e SCHEYERL, D. **Recortes interculturais na sala de aula de línguas estrangeiras.** Salvador: EDUFBA, 2004.

RODEA, Marisela Colín. A cultura invisível: elementos de variação em contextos de ensino de Português para falantes de Espanhol no Brasil. IN: WIEDEMANN, Lyris;

SCARAMUCCI, Matilde V. R. (orgs.). **Português para falantes de espanhol:** Ensino e Aquisição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

SILVA, Kleber Aparecido da; ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Orgs.). **Linguística aplicada:** múltiplos olhares – Estudos e homenagem ao Professo Dr. José Carlos Paes de Almeida Filho/ - Brasília, DF: UnB – Universidade de Brasília/Finatec; Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

SILVA, Kleber Aparecido da (Org.). **Crenças, discursos & linguagem**. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada V. 1 Campinas, SP: Pontes, 2010. 357p.

SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da (org.). **Português língua estrangeira:** perspectivas. – São Paulo: Cortez, 1988. 119 p.

SOBRAL, Adail. Língua nacional, gramática, variação: algumas implicações para o ensino de línguas. IN: BARCELOS, Ana Maria Ferreira (org.). **Linguística aplicada**: Reflexões sobre ensino e aprendizagem de língua materna e língua estrangeira. Coleção: Novas perspectivas em Linguística Aplicada – Vol. 13. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 19-46

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra et al.(org.). **Linguística Aplicada e Sociedade**: Ensino e aprendizagem de Línguas no contexto Brasileiro.Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 254

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves (UFF); JÚDICE, Norimar (UFF). Tópicos em português como língua estrangeira. Disponível em:< http://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/16.htm> Acesso em: 20 mar. 2013.

VIANA, Nelson. Planejamento de Cursos de Línguas – Pressupostos e Percurso. IN: ALMEIDA FILHO, José Carlos P. de. (Org.). **Parâmetros atuais para o ensino de Português como Língua Estrangeira.** 2ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2009. p. 29-48

WIEDEMANN, Lyris; SCARAMUCCI; Matilde V. R. (org.). **Português para falantes e espanhol**: ensino e aquisição. Campinas, SP: Pontes, 2008. 268 p.

XAVIER, Rosely Perez. O que os professores de línguas estrangeiras necessitam saber sobre o ensino baseado em tarefas? In: SILVA, Kleber Aparecido et al.(Org.) **A formação de professores de línguas:** Novos Olhares – Volume I. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada Vol.11. Campinas, SP: Pontes, 2011. p. 147-171.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Segmento. Ano 5 – Número 63 – Janeiro de 2011. ISSN: 1808-3498.

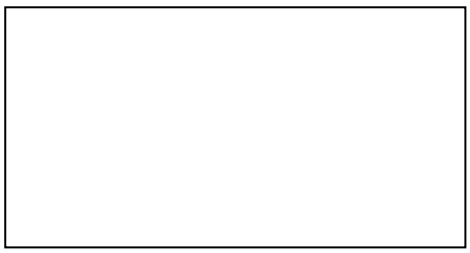
REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Segmento. Ano 5 – Número 64 – Fevereiro de 2011. ISSN: 1808-3498.

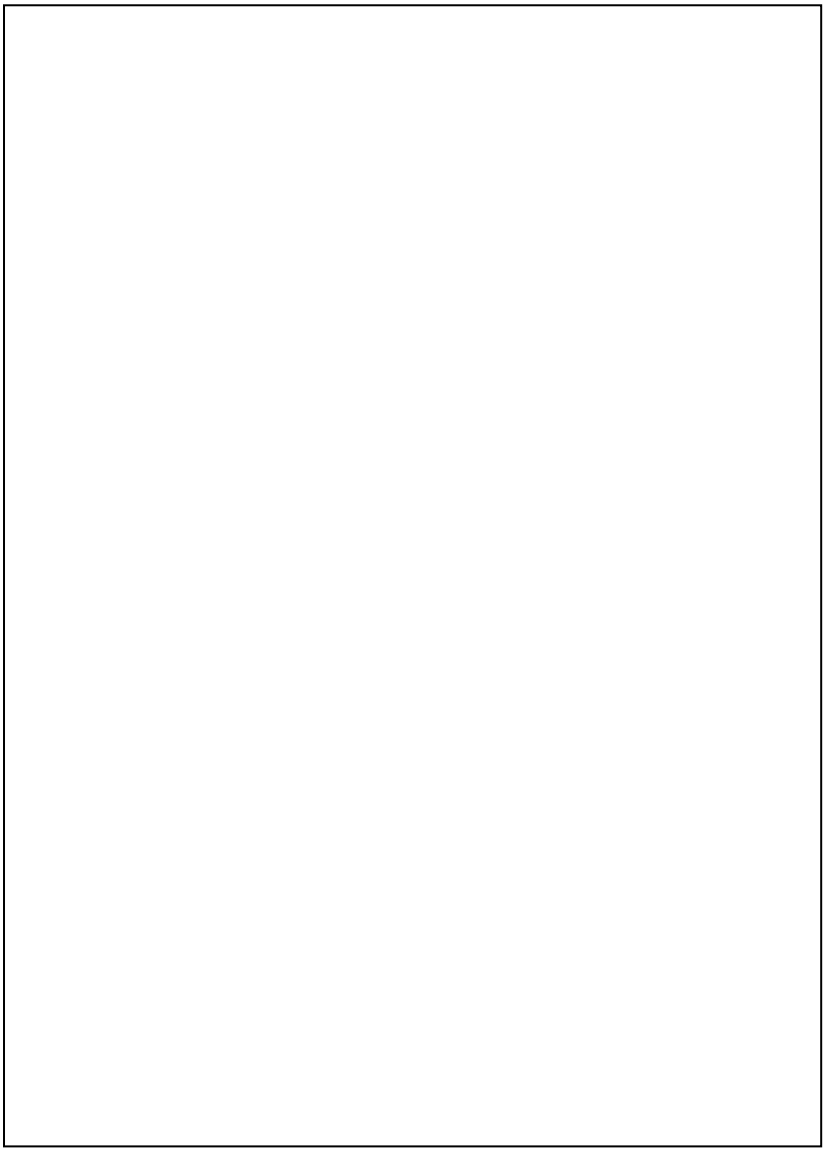
REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Segmento. Ano 5 – Número 65 – março de 2011. ISSN: 1808-3498.

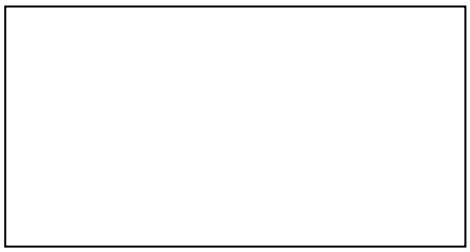
REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Segmento. Ano 5 – Número 66 – abril de 2011. ISSN: 1808-3498.

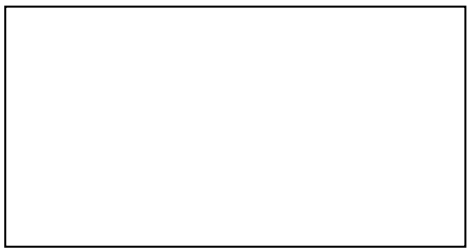
REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Segmento. Ano 5 – Número 67 – maio de 2011. ISSN: 1808-3498.

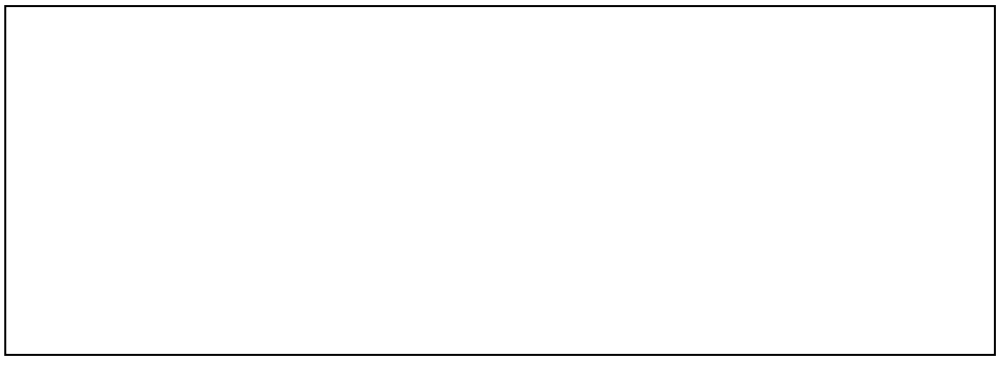
ANEXOS

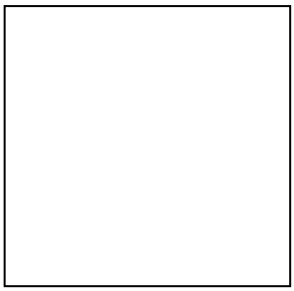












REDAÇÃO • POESIA • GRAMÁTICA • ETIMOLOGIA

LÍNGUA portuguesa

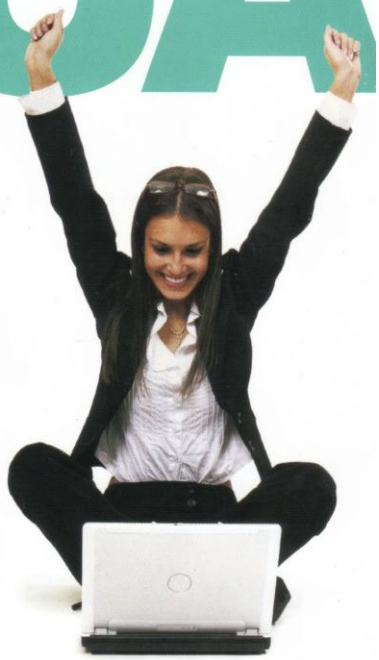
Ano 5 • Nº 63 • Janeiro de 2011 • www.revistalingua.com.br

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FNDE
PNBE PERIÓDICOS 2010

VENDA PROIBIDA

Para reescrever sua carreira

As 15 maiores dificuldades com o idioma que incomodam os profissionais do mercado e lotam cursos de reciclagem



Substantivo x adjetivo • **Itamar Assumpção** • **A bolinha de Zé Simão**

e mais

GERÚNDIO

A literatura mostra como dar estilo à forma verbal para fugir de usos viciados como "Vou estar passando o recado"

A TÉCNICA DO ENSAIO

O autor Alberto Manguel decifra um dos mais antigos gêneros de escrita

O CÓDIGO DA ENROLAÇÃO

As consequências de escancarar retóricas vazias no mundo da política

A LEITURA NA ESCOLA

A escolha do livro pode ser menos importante que a forma de abordá-lo

IMAGENS TRADUZEM A ESTÉTICA E A LINGUAGEM DO CANGAÇO

REDAÇÃO • GRAMÁTICA • DISCURSO • LITERATURA

LÍNGUA portuguesa

Ano 5 • Nº 64 • Fevereiro de 2011 • www.revistalingua.com.br

editora segmento

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FNDE
PNBE PERIÓDICOS 2010

VENDA PROIBIDA

O texto depois da internet

A influência da rede começa a mudar a forma como lemos e escrevemos. Saiba usar essa tendência a seu favor

Insultos alternativos • Entrevista: Ricardo Piglia • Nomes próprios

e mais

METONÍMIA

O uso argumentativo da figura de retórica que dá dinamismo à expressão e amplia o sentido das palavras

LIVROS EXPERIMENTAIS

Pedra, caixa de fósforo, mapas: uma viagem pelos formatos inusitados

POLITICAMENTE CORRETO

Como entender e evitar os cuidados paranoicos com a linguagem

PALAVRAS DIFÍCEIS

Evitar termos complicados é uma arte. Saber usá-los, também

UM ENSAIO FOTOGRÁFICO COM GRANDES NOMES DO CARNAVAL

ESCRITA • GRAMÁTICA • RETÓRICA • NARRATIVA
portuguesa
LÍNGUA
Ano 5 • Nº 65 • Março de 2011 • www.revistalingua.com.br
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FNDE
PNBE PERIÓDICOS 2011
VENDA PROIBIDA
Sem medo do
verbo
"Remedeia" ou "remedia"? "Se ela me ver" ou "Se ela me vir"? Como driblar as cascas de banana e os erros mais frequentes em conjugação
Em torno x Entorno • Audiolivros em alta • Racionais MC's em hipertexto
e mais
CLAREZA
Objetividade não é tudo: ciência mostra que um texto só é claro segundo os critérios do campo em que circula
O LATIM RESSUSCITADO
Como o papa, o Google e até Harry Potter renovaram o interesse pelo idioma
O CAIPIRA É DA METRÓPOLE
Descoberta revela que sotaque do interior pode ter surgido na capital
GULLIVER DE CARA NOVA
Tradução da obra de Swift resgata português do século 17
NOVAS OBRAS MOSTRAM UM EÇA DE QUEIROZ DESCONHECIDO

GRAMÁTICA • LITERATURA • ETIMOLOGIA

LÍNGUA portuguesa

Ano 5 • Nº 56 • Abril de 2011 • www.revistalingua.com.br

Surpreenda

7 DICAS para impressionar o leitor com sacadas de escrita que vão da retórica ao cinema

R$ 8,90

Os 112 nomes de Khadafi • Os gêneros de tsunami • Moacyr Scliar

e mais

FEMININO
Oito maneiras de entender a lógica por trás da flexão de gênero nas palavras, que explicam "parenta" e outras formas

O VAI E VEM DA "TRANSA"
A evolução do termo que virou sinônimo de sexo, comércio e cultura

A FILHA QUE O REI ESCONDEU
Manuscrito revela intimidade e erros de português de D. Pedro I

"SER" OU "ESTAR"?
Como a vida moderna alterou o sentido dos verbos

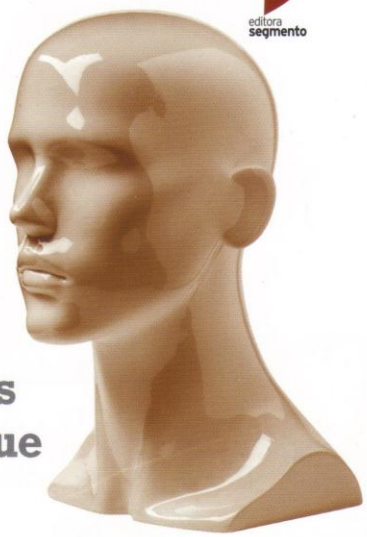
IMAGENS E PALAVRAS QUE FIZERAM O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

GRAMÁTICA • TÉCNICAS DE ESCRITA • FICÇÃO

LÍNGUA portuguesa

Ano 5 • Nº 67 • Maio de 2011 • www.revistalingua.com.br

editora segmento



Pronomes

"Pago-lhe" ou "Pago-a"?
"Me conta" ou "Conta-me"?
Como evitar constrangimentos com a categoria de palavras que representa pessoas e coisas

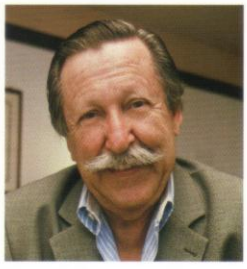
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FNDE
PNBE PERIÓDICOS 2011

VENDA PROIBIDA

O neologismo dos videogames • Gonçalo Tavares em hipertexto

e mais

VÍRGULA + ETC.
Apesar de facultativo, o sinal de pontuação antes de *et cetera* foi consagrado pelo uso cotidiano



BANDEIRA DA LEITURA
Para brasileiro, livro vale menos do que um tênis, diz Pedro Bandeira

FALSA SEMELHANÇA
As confusões entre palavras parecidas, como "imergir" e "emergir"

OS MALES DA CONCISÃO
Quando textos curtos demais podem prejudicar a mensagem

AS PISTAS QUE SHERLOCK HOLMES DEIXOU NA LINGUAGEM

VIAJA em Portugues

Viaje a Portugal e compre esa lingua conhecendo novas dicas

Estude mais uma lingua portugues ao seu alcance

Carnaval do Brasil não perda seus costumes

Conheça os Paises de fala Portuguesa

Você sabe quais são todos os lugares onde se fala portugues? ...

Brasil região do cacau
Desenvolvimento do Bahia na epoca dos coronels

Osetor do cacau atiglo e desenvolvimento não da região

Viagens ... Cultura ... Lingua ... Mais

UESC Universidade para todos!!!

Formatura dos alunos do curso de Letras !!!

Incremento nas posagens para Itabuna e Ilhéus

Alunos de intercambio acabam curso conhecia ~~as~~ experencia deles.

Final do curso.

O Porque de que as matemáticas seam as aulas com maior indice de reprovados

+ - x ÷ =

Por primeira vez a UESC tem time de futebol e participara no campeonato baiano.

Educação Pesquisa & desenvolvimento Cursos e outras coisas